

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Aprofundamento da diversidade dos Relacionamentos
Sexuais Casuais – características e especificidades no
género feminino**

Raquel Filipa Cruz Brandão

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia da Educação e da Orientação

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Aprofundamento da diversidade dos Relacionamentos
Sexuais Casuais – características e especificidades no
género feminino**

Raquel Filipa Cruz Brandão

Dissertação orientada pela Prof^ª Doutora Maria João Alvarez

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia da Educação e da Orientação

2019

Agradecimentos

Depois de cinco anos de formação e profunda aprendizagem, chegou o momento que tanto ansiava. Orgulho-me de ter percorrido este caminho sem nunca ter parado ou hesitado no trilho escolhido. Olhando para trás, vejo muitos momentos difíceis mas também vejo muitos obstáculos ultrapassados e metas alcançadas. Foi um caminho desafiante e, por vezes, duro, mas muito bonito e recompensador.

E claro...como qualquer pessoa que se depara com um enorme desafio, tive os meus momentos de descrença e profunda desmotivação, no entanto, houve sempre uma mão amiga que se estendeu, que amparou ou que deu o empurrão necessário para que eu ganhasse balanço e não desistisse.

É a essas mãos a quem deixo o meu agradecimento.

À Professora Doutora Maria João Alvarez, pelo apoio incansável e disponibilidade constante; por transmitir os seus conhecimentos de forma apaixonante; pelo feedback quase imediato; e pelas reuniões de segunda-feira, que transformavam as incertezas em certezas e o cansaço em motivação para trabalhar.

Aos meus pais, que me ensinaram os valores certos e que repreenderam comportamentos e atitudes menos corretas, por saberem que eu poderia ser mais e melhor; por me terem dado a oportunidade de estudar e de me focar apenas nisso; por me apoiarem sempre em todas as decisões; e por respeitarem e validarem desde o início a minha paixão por esta área e por este curso.

À minha irmã, que sempre foi a minha metade e, em parte, a minha inspiração, pela sua capacidade de sonhar, criar, lutar, trabalhar, e, sobretudo, pela sua capacidade de pôr amor em tudo aquilo que se compromete a fazer. Obrigada pelo companheirismo, pela

cumplicidade, pela força que me transmites e pelo modelo que és enquanto irmã, mulher e mãe. E obrigada por teres trazido o Leonardo para este mundo que, sem saber, é o meu escape e o meu arco-íris, quando tudo parece estar mais cinzento.

Às minhas colegas de mestrado, que nunca me deixaram pensar que caminhava sozinha nesta jornada, e com quem partilhei, e ainda partilho, momentos de puro stress, mas também de enorme alívio e alegria. À Mariana Franco, por ser o meu espelho em tantas coisas (não fossemos nós leoas) e por ter construído comigo uma amizade tão pura e genuína, sem cobranças ou ressentimentos. E, em especial, à Mariana Silva, que embarcou de mão dada comigo nesta aventura e que nunca a largou. Obrigada pelo companheirismo, pela amizade, pela cumplicidade, pelo drama e pelo desespero partilhado. Apesar de precisar de férias desta simbiose, temo que a nossa “paixão passageira” se tenha tornado numa “paixão para a vida inteira”.

Aos meus amigos e amigas mais chegadas, nomeadamente à Marta, à Maria, à Rita, à Bea e à Ana, que acompanharam o meu percurso académico com um olhar atento e que sempre me apoiaram e compreenderam as minhas ausências nas idas ao café e saídas à noite.

Por fim, agradeço às mãos que já não estão cá, mas que iluminam o meu caminho, como estrelas brilhantes que são.

Resumo

O envolvimento em relacionamentos sexuais casuais (RSC) por parte dos adultos emergentes é cada vez mais usual dado que permite ao indivíduo explorar a sua sexualidade sem estar envolvido num relacionamento comprometido e com responsabilidades. O presente estudo procurou conhecer aprofundadamente os relacionamentos sexuais casuais em que adultos emergentes portugueses se envolvem, as suas características, e possíveis especificidades na vivência destes RSC pelo género feminino. Para alcançar os objetivos traçados, foram realizados dois estudos. No primeiro, procurou identificar-se os RSC mais claros e ilustrativos para a amostra, e no segundo, procurou aprofundar-se o conhecimento relativamente aos encontros identificados anteriormente. Os dados foram recolhidos presencialmente: no Estudo 1, através de uma tarefa de categorização, realizada em três momentos ($N = 20$, $M = 23.10$; $DP = 2.85$), e no Estudo 2, através de três entrevistas de grupos focais ($N = 9$, $M = 20.67$, $DP = 3.46$). Para a análise dos dados recorreu-se a uma Análise Factorial por Correspondências Múltiplas (AFCM) e a uma análise temática. Os resultados mostraram que um RSC se define como um relacionamento sem compromisso, com a finalidade de se ter relações sexuais e, de preferência, sem sentimentos envolvidos. Os Amigos Coloridos, Caso de uma Noite e Curte foram os encontros considerados como mais claros e significativos. O Caso de uma noite destacou-se pelo seu carácter não repetitivo e não emocional; os Amigos Coloridos pela amizade prévia e o elevado grau de proximidade entre os envolvidos; e a Curte por ser associada às primeiras experiências amorosas, onde as relações sexuais são percebidas, maioritariamente, como inexistentes. Foi também recolhida informação referente aos guiões sexuais adoptados nestes três RSC, como a utilização do preservativo, e padrões sexuais associados ao género, o que poderá contribuir para a eficácia na prevenção de comportamentos de risco e para uma intervenção mais adequada no âmbito da sexualidade.

Palavras chave: relacionamentos sexuais casuais, adultos emergentes, categorização, gênero feminino

Abstract

Involvement in casual sexual relationships (CSR) by emerging adults is increasingly common as it allows the individual to explore their sexuality without being involved in a relationship of commitment and responsibility. This study sought to deepen the knowledge about the CSR in which Portuguese emerging adults are involved, their characteristics, and possible specificities in the way this CSR are experienced by female gender. To achieve the proposed goals, two different studies were performed. At the first study, it sought to identify the clearest and most illustrative CSR for the sample, and at the second study, it sought to deepen the knowledge regarding the CSR previously identified. The data were collected in person: at Study 1, through a categorization task, performed in three moments ($N = 20$, $M = 23.10$; $DP = 2.85$), and at Study 2, through three focus group interviews ($N = 9$, $M = 20.67$, $DP = 3.46$). To analyse the data, we used a multiple correspondence analysis (MCA) and thematic analysis. The results showed that a CSR is defined as a relationship without commitment, with the purpose of having sex and, preferably, without feelings involved. The clearest and the most significant CSRs were *Friends With Benefits*, *One Night Stand* and “*Making Out*”. *One Night Stand* stands out for its non-repetitive and non-emotional character; *Friends With Benefits* for the previous friendship and the high degree of intimacy between those involved; and “*Making Out*” for being associated with the first experiences of love, where sexual relations are perceived, mostly, as nonexistent. Information about the sex scripts adopted in these three CSRs was also collected, such as condom use, and gender-related sexual patterns, which could contribute to an effective prevention of risk behavior and more appropriate intervention in the sexuality field.

Keywords: Casual Sexual Relationships, emerging adults, categorization, female gender

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	5
Tipos de relacionamentos sexuais casuais	6
<i>Hookup</i>	6
<i>One Night Stand</i>	7
<i>Booty Calls</i>	7
<i>Fuck Buddies</i>	8
<i>Friends With Benefits</i>	8
Dimensões dos Relacionamentos Sexuais Casuais	9
Comportamentos de risco e o uso de preservativo	9
Guiões sexuais.....	12
Guiões sexuais no género feminino.....	13
A Categorização dos RSC	14
O presente estudo	15
Capítulo II – Método	17
Participantes	17
Instrumentos	19
Estudo 1	19
Estudo 2	19
Procedimento.....	20

Estudo 1	20
Estudo 2	22
Procedimentos de Análise	23
Estudo 1	23
Estudo 2	24
Capítulo III – Resultados	27
Estudo 1	27
Estudo 2	30
O que são Relacionamentos Sexuais Casuais	32
Duplo Padrão Sexual	33
Proteção Sexual	34
Perspetiva desenvolvimentista	36
Descrição dos encontros	36
Amigos Coloridos	37
Caso de uma Noite	42
Curte	46
Capítulo IV – Discussão e Conclusão	49
Referências.....	59
Anexos	66

Índice de Figuras

Figura 1 – Representação tridimensional dos pólos e encontros associados.....	30
---	----

Índice de Quadros

Quadro 1 – Descrição da amostra do Estudo 1.....	17
Quadro 2 – Descrição da amostra do Estudo 2.....	18
Quadro 3 – Coordenadas dos estímulos no primeiro momento de categorização.....	27
Quadro 4 – Coordenadas dos estímulos no segundo momento de categorização.....	28
Quadro 5 – Coordenadas dos estímulos no terceiro momento de categorização.....	29
Quadro 6 – Níveis de acordo inter-juízes (%).....	30
Quadro 7 – Operacionalização dos temas e subtemas presentes na análise das entrevistas de grupos focais.....	31
Quadro 8 – Designações dos encontros referidos nas entrevistas.....	36

Índice de Anexos

Anexo 1 – Conjunto de cartões utilizados durante a tarefa de categorização (Estudo 1).....	67
Anexo 2 – Questionário de dados sócio demográficos (Estudo 1).....	69
Anexo 3 – Guião das entrevistas de grupos focais (Estudo 2).....	72
Anexo 4 – Questionário de dados sócio demográficos (Estudo 2).....	76
Anexo 5- Instrução da tarefa de categorização (Estudo 1).....	79
Anexo 6 – Consentimento Informado (Estudo 1).....	80

Anexo 7 – Enunciado da tarefa de atribuição de dimensões (Estudo 1).....83

Anexo 8 – Consentimento Informado (Estudo 2).....87

Introdução

Os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, conhecidos como adultos emergentes, encontram-se em frequente mudança e exploração relativamente ao amor, trabalho e perspectivas de vida, pois já se libertaram de alguma da dependência da adolescência, mas não se sentem preparados para assumir as responsabilidades da vida adulta (Arnett, 2000), adiando marcos como o casamento e a parentalidade (Arnett & Sugimura, 2014). Focado sobretudo na sua formação académica ou na iniciação da sua independência económica, o adulto emergente tem dificuldade em conciliar estes desafios com a sustentação de um relacionamento sério e comprometido (Shulman & Conolly, 2013). Neste sentido, o envolvimento num relacionamento sexual casual (RSC) é cada vez mais experienciado nesta fase da vida, pois, ao ser um relacionamento não comprometido com uma componente sexual, permite que o indivíduo explore a sua sexualidade, sem perder o foco das tarefas e dos desafios com que se confronta numa base diária.

Os RSC são conceitos complexos sobre relações sexuais não comprometidas, que assumem várias formas consoante a expressão de dimensões, como o envolvimento emocional e sexual e a frequência dos encontros (Wentland & Reissing, 2011), sendo os *Hookup*, *One Night Stand*, *Booty Calls*, *Fuck Buddies* e *Friends With Benefits* os RSC mais encontrados na literatura (Claxton & van Dulmen, 2013).

Estes relacionamentos têm aumentado nos últimos anos (Programa Nacional para a Infeção VIH e Sida, 2018), no entanto, apesar da sua ocasionalidade, a proteção sexual, nomeadamente o uso do preservativo, tem-se mostrado inconsistente (Bell, 2009). A inconsistência na utilização do preservativo não se encontra directamente relacionada com a falta de informação (Pirota & Schor, 2004), pois depende também de

factores psicológicos e culturais, bem como das características do relacionamento. Apesar do uso ser maior nos RSC do que nos relacionamentos regulares e de compromisso, o preservativo não é usado de forma a permitir proteção (Mullinax et al., 2016). A inconstância na utilização do preservativo nos RSC pode ser explicada, em parte, pela não antecipação da actividade sexual, no entanto, como estes encontros são tão diversificados, a necessidade do seu uso pode ser sentida como diferente nos diferentes RSC.

Do mesmo modo que a cultura influencia o uso do preservativo, influencia também a adopção dos restantes códigos de conduta na vivência da sexualidade, nomeadamente na vivência dos relacionamentos sexuais casuais. Neste sentido, os guiões sexuais adoptados resultam da adaptação, modificação e internalização das mensagens culturais disponíveis nos contextos interpessoais de cada indivíduo (Frith & Kitzinger, 2001), sendo que, nos vários tipos de RSC, estes guiões são negociados através de regras explícitas ou implícitas, nomeadamente sobre a exclusividade e o conhecimento público da relação (Wentland & Reissing, 2011). Os guiões sexuais também se mostram distintos entre homens e mulheres (Wiederman, 2005). Na perspectiva de um duplo padrão sexual tradicional é expectável que as mulheres evitem ter relações sexuais casuais e que sejam sexualmente activas apenas em relações românticas de compromisso, por receio de serem alvo de crítica por parte da sociedade (Armstrong, England, & Fogarty, 2010; Crawford & Popp, 2003).

O presente estudo procurou, assim, identificar e conhecer aprofundadamente os relacionamentos sexuais casuais em que adultos emergentes portugueses se envolvem, as suas características, e possíveis especificidades na conceptualização e vivência destes RSC pelo género feminino. Um maior conhecimento destes relacionamentos, nomeadamente, dos códigos de conduta que os caracterizam, poderá oferecer pistas

fundamentais para a prevenção de comportamentos sexuais de risco. Para além disso, o testemunho recolhido junto de uma amostra do género feminino poderá contribuir para a conceptualização de programas de educação sexual mais adequados e eficazes.

Para alcançar os objetivos traçados, foram realizados dois estudos e recorreu-se a uma abordagem metodológica mista. No Estudo 1 os participantes procederam à categorização de encontros sexuais casuais em três momentos, tendo em conta o seu grau de semelhança. Esta categorização foi submetida a uma Análise Factorial por Correspondências Múltiplas (AFCM), através da técnica de análise de proximidades, para que se pudesse aceder aos encontros mais claros e ilustrativos. No Estudo 2 foram realizadas entrevistas de grupo focais para se aprofundar o conhecimento sobre os encontros identificados no primeiro estudo. As entrevistas foram transcritas e a informação obtida foi submetida a uma análise temática com recurso ao software ATLAS.ti.

A presente dissertação de mestrado é apresentada em quatro capítulos. O Capítulo I, referente ao enquadramento teórico, contextualiza o tema mediante a literatura existente e apresenta argumentos sobre a pertinência conceptual e social do estudo. No Capítulo II, correspondente ao método, é caracterizada a amostra, são apresentados os instrumentos desenvolvidos e descritos os procedimentos e os procedimentos de análise realizados. No Capítulo III, referente aos resultados, são apresentados e descritos os resultados obtidos nos dois estudos. Por fim, no capítulo IV, é realizada a discussão dos resultados, onde se apresentam as principais conclusões do estudo e são discutidas as limitações encontradas, principais implicações e pistas para investigações futuras.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

Desde o final do século passado que a transição da adolescência para a vida adulta se caracteriza pelo progressivo adiamento de marcos como a entrada no mercado de trabalho, o casamento e a parentalidade (Arnett & Sugimura, 2014). Estatísticas e estudos demográficos de países industrializados mostram que os indivíduos assumem responsabilidades de adulto, ganham independência económica, possuem residência própria e casam por volta dos 30 anos (Arnett, 2004; Settersten & Ray, 2010). Mediante esta mudança de paradigma, surge uma nova fase na vida do indivíduo, entre os 18 e os 29 anos, que se encontra em frequente mudança e exploração, em relação ao amor, trabalho e perspectivas de vida. Nesta fase, o indivíduo é designado como adulto emergente, pois já se libertou de alguma da dependência característica da adolescência, no entanto, ainda não assumiu inteiramente as responsabilidades da vida adulta (Arnett, 2000).

A exploração da identidade, tanto na vertente amorosa como na vertente profissional, pelos adultos emergentes, não se limita a uma preparação para os papéis a desempenhar no futuro. Ao permitir vivenciar um leque amplo e diversificado de experiências, esta exploração, só por si, é importante para estes indivíduos, que têm consciência de que a mesma não seria oportuna se maiores níveis de compromisso fossem assumidos, à semelhança do que irá acontecer, posteriormente, na vida adulta (Arnett, 2000). Para além de ser uma fase de exploração, é também uma fase de novas tarefas e desafios, como terminar o curso ou assumir as primeiras responsabilidades financeiras, o que torna difícil conciliar estas circunstâncias sociais e económicas com um relacionamento sério e comprometido (Shulman & Conolly, 2013).

Neste sentido, a maior parte dos adultos emergentes experiencia uma séria de relações amorosas, nomeadamente, alguns episódios de sexo casual (Arnett, 2013). A

menor importância dada ao casamento e o desejo de o adiar têm sido associados a uma maior permissividade sexual, nesta fase da vida do indivíduo (Carroll, Badger, Barry, & Madsen, 2007), que ainda não procura estabelecer uma relação duradoura e de compromisso e, pelo contrário, aproveita a sua liberdade para experimentar vários tipos de relações e explorar a componente sexual das mesmas (Cohen, Kasen, Chen, Hartmark, & Gordon, 2003).

Assim, o envolvimento num relacionamento sexual casual (RSC) é cada vez mais experienciado pelo adulto emergente (Weaver & Herold, 2000), pois permite que este desfrute e explore a sua sexualidade sem ter de prescindir ou perder o foco das tarefas relacionadas com a sua formação, visto que a relação estabelecida é caracterizada pela ausência de compromisso (Hamilton & Armstrong, 2009).

Tipos de relacionamentos sexuais casuais

Um relacionamento sexual casual (RSC) corresponde a uma relação sem compromisso, com uma componente sexual. Segundo Wentland e Reissing (2011), estes relacionamentos podem assumir várias formas, mediante a frequência dos encontros, o grau de intimidade, o tipo de actividade sexual, entre outras especificidades. Assim, diferentes terminologias estão associadas a diferentes tipos de relacionamentos sexuais casuais, sendo os mais encontrados na literatura os *Hookup*, *One Night Stand*, *Booty Calls*, *Fuck Buddies* e *Friends With Benefits* (Claxton & van Dulmen, 2013).

Hookup

Estetermo é um dos mais usuais para descrever encontros sexuais casuais, no entanto, é também um dos mais inconsistentes na literatura (Claxton & Dulmen, 2013). De acordo com Garcia e Reiber (2008), um *Hookup* corresponde a uma interação sexual espontânea entre duas pessoas que, explicitamente, não se encontram numa relação

tradicional romântica uma com a outra. Nesta interação, os indivíduos não estabelecem, à priori, os comportamentos que irão ocorrer e não há qualquer garantia que interações ou relações de maior intimidade irão acontecer subsequentemente. O *Hookup* pode incluir vários tipos de comportamentos sexuais (Claxton & Dulmen, 2013), como beijos, carinhos, sexo oral, anal, vaginal e masturbação mútua.

One Night Stand

O *One Night Stand* (ONS) é utilizado para designar relações sexuais que ocorrem uma única vez (Jonason, Luevano, & Adams, 2012). De acordo com Wentland e Reissing (2014), esta relação acontece entre desconhecidos ou entre indivíduos que se conhecem vagamente e que, usualmente, se encontram em contextos sociais, como bares e discotecas, sem planeamento prévio e sob a influência de álcool e/ou drogas. Como estes encontros apenas duram uma noite, o *One Night Stand* é considerado um RSC com pouco envolvimento emocional, em comparação com *Booty Calls* ou relacionamentos românticos com compromisso (Jonason, Li, & Richardson, 2011). As trocas emocionais presentes neste tipo de relacionamento, como agarrar a mão ou dar beijos, poderão ser utilizados apenas para acelerar as condições para o encontro sexual (Jonason et al., 2011).

Booty Calls

Os *Booty Calls* (BC) são relacionamentos que acontecem entre dois conhecidos e que se iniciam através de uma comunicação intencional, por telemóvel ou outras tecnologias, com o objetivo, declarado ou implícito, de ter actividade sexual (Jonason, Li, & Cason, 2009). Um dos indivíduos telefona ou envia mensagem ao outro, com a intenção de marcar um encontro sexual por um curto período de horas. Normalmente, esta comunicação é estabelecida de noite e uma das pessoas costuma estar sob o efeito de álcool e/ou drogas (Wentland & Reissing, 2014). Estes encontros ocorrem

ocasionalmente e a sua repetição não ocorre por muito tempo (Claxton & van Dulmen, 2013). Se começarem a encontrar-se de forma mais regular, o relacionamento passa a ser designado *Fuck Buddy* (Wentland & Reissing, 2011).

Fuck Buddies

Os *Fuck Buddies* (FB) são o RSC que menos foram explorados em investigações empíricas, devido à potencial sobreposição com o relacionamento *Friends With Benefits* (FWB) (Claxton & Dulmen, 2013). No entanto, no estudo qualitativo de Wentland e Reissing (2011), este foi referido pelos participantes como um relacionamento separado de FWB, nomeadamente, visto como mais depreciativo, mas implicando um contacto mais recorrente que os *Bootty Calls*. Neste sentido, os *Fuck Buddies* correspondem a um relacionamento mais pessoal que *BC e ONS*, ainda que focados sobretudo no sexo. Os indivíduos conhecem-se, mas não existe amizade prévia como nos FWB. Normalmente, não estão sob o efeito de álcool e/ou drogas e os encontros acontecem com bastante regularidade (Wentland & Reissing, 2014).

Friends With Benefits

Friends With Benefits (FWB) pode ser definido como um relacionamento entre amigos, que, posteriormente, se envolvem sexualmente, sem qualquer ideia de compromisso ou sentimentos românticos. Não pode ser apenas definido como uma amizade, no entanto, também não corresponde a um relacionamento com compromisso (Bisson & Levine, 2009), o que torna este relacionamento um fenómeno interessante de estudo. Este meio termo permite aos envolvidos ter o “melhor dos dois mundos”, por um lado, o sexo e a intimidade característica dos relacionamentos românticos, e por outro, a diversão, liberdade e independência característica dos relacionamentos casuais, sem a existência de dramas, compromisso e preocupações, tipicamente associados ao lado negativo dos relacionamentos românticos (Weaver, MacKeigan, & MacDonald,

2011). Neste relacionamento, os encontros sexuais são regulares, no entanto, os envolvidos também se encontram apenas para fins sociais e de convívio (Wentland & Reissing, 2014).

Dimensões dos Relacionamentos Sexuais Casuais

Os RSC são conceitos complexos sobre relações sexuais não comprometidas, que variam no seu envolvimento emocional e sexual e na repetição dos encontros, podendo tanto ocorrer uma única vez como consistir numa amizade continuada, com uma componente sexual (Wentland & Reissing, 2011). Neste sentido, existem várias dimensões que tornam possível a diferenciação dos RSC.

Os BC, FB e FWB implicam uma repetição do encontro, no entanto, o ONS é um relacionamento que ocorre apenas uma vez. No que diz respeito ao conhecimento prévio, com exceção do ONS, todos os outros tipos de RSC envolvem indivíduos com algum grau de amizade ou de conhecimento (Wentland & Reissing, 2011). A componente meramente sexual dos encontros de ONS e BC permitem distingui-los dos FB e FWB, visto que, nos últimos dois, os parceiros poderão encontrar-se também para momentos sociais, onde o objetivo final não é o envolvimento sexual. Outra das dimensões que também pode ajudar a distinguir estes relacionamentos é a forma como o término dos mesmos se dá. No ONS, BC e FB não parece ser necessária uma conversa formal sobre o término da relação, ao contrário do que acontece nos FWB, em que existe uma discussão de quando e como a relação deverá terminar (Wentland & Reissing, 2011).

Comportamentos de risco e o uso de preservativo

Os comportamentos sexuais que envolvem a troca de fluidos entre os indivíduos implicam sempre uma componente de risco, tanto pela possibilidade de levar a uma

gravidez indesejada, como pela possibilidade de contrair infecções sexualmente transmissíveis (IST). Em Portugal, de acordo com os dados do Programa Nacional para a Infecção VIH e Sida (2018), foram diagnosticados, em 2017, 886 novos casos de infecção por VIH, em que 70.6% foi diagnosticado em idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos. Visto que o diagnóstico tende a ser tardio, isto significa que muitos destes novos casos terão contraído a doença durante a adolescência ou início da idade adulta. O uso inconsistente ou não uso do preservativo, a existência de parceiros sexuais ocasionais, bem como a associação entre o consumo de álcool e/ou drogas e a actividade sexual, têm sido apontados como comportamentos de risco junto destas faixas etárias (Bell, 2009).

É do conhecimento público que o preservativo é o único método contraceptivo que previne simultaneamente as IST e a gravidez indesejada, no entanto, o seu uso permanece inconsistente (Bell, 2009). A ineficácia da sua utilização não se encontra diretamente relacionada com a falta de informação (Pirotta & Schor, 2004), pois depende também de fatores psicológicos, como, por exemplo, acrença de que os preservativos tornam a relação sexual mais artificial, reduzem o prazer sexual e a intimidade estabelecida entre os parceiros (Corbett, Dickson-Gómez, Hilario, & Weeks, 2009); ou fatores relacionais, culturais, afetivos e situacionais que caracterizam a utilização do preservativo e expressam “o conflito entre a necessidade de preservar a saúde e outras necessidades associadas ao comportamento sexual” (Alvarez, 2005). No estudo de Aboim (2012), numa amostra portuguesa, a opção de usar preservativo pareceu depender consideravelmente das histórias sexuais dos indivíduos, o que revela a importância das interações afetivo-sexuais nos comportamentos de prevenção, mas também do risco percebido pelos mesmos. Noutro estudo português, especificamente com estudantes universitários (Cunha-Oliveira, Cunha-Oliveira, Pita, & Massano-

Cardoso, 2009), metade da amostra reportou não usar preservativo e apresentou como principais razões o desconforto físico e psíquico, impulsividade própria dos jovens e estabilidade da relação. Verificou-se também que as mulheres têm uma atitude mais positiva face ao uso do preservativo do que os homens. Para além dos fatores anteriormente descritos, também as características da própria relação têm uma influência considerável no uso do preservativo. Quanto maior for a duração da relação, a intimidade e a confiança mútua estabelecida, bem como a fidelidade presumida, menor será o uso do preservativo, pois estes fatores reduzem o risco percebido pelos indivíduos (Mullinax et al., 2016). Neste sentido, no estudo de Fortenberry, Tu, Harezlak, Katz e Orr (2002) observou-se que em novas relações o uso do preservativo é mais elevado do que em relações já estabelecidas, no entanto, esta diferença só se verifica até ao 21º dia, pois, posteriormente, o uso do preservativo passa ao mesmo nível de utilização, tanto em relações novas como estabelecidas. O uso do preservativo apresenta valores relativamente altos em relações sexuais casuais (Noar, Zimmerman, & Atwood, 2004), sendo que estes valores declinam à medida que a relação se torna mais duradoura, íntima e comprometida, pois o método contraceptivo escolhido passa a ser hormonal (Manlove et al., 2011).

Podemos concluir que o uso do preservativo depende de múltiplos factores, sendo que quanto mais longa for a duração da relação, intimidade, fidelidade presumida e confiança percebida menor será o uso do preservativo, que passa a ser substituído, frequentemente, pela toma da pílula. No entanto, mesmo em relações novas ou casuais, a utilização do preservativo caracteriza-se por ser inconsistente, podendo esta ser explicada pela não antecipação da actividade sexual, visto que estas relações podem não ser planeadas. No entanto, os dados existentes não são suficientes para caracterizar todos os tipos de RSC, no que diz respeito ao uso do preservativo. De forma a conhecer

essa realidade e ajudar a prevenir comportamentos de risco, essa investigação deverá ser feita.

Guiões sexuais

A expressão e o significado da sexualidade é moldado pela sociedade, o que significa que a forma como a sexualidade se expressa resulta das construções sociais que o indivíduo cria em interação com o ambiente onde se encontra inserido (Karlsen & Traeen, 2013). De acordo com Gagnon e Simon (2005), a conduta sexual está associada a um guião que é utilizado pelos indivíduos para regular a sexualidade e os comportamentos sexuais, assumindo três níveis distintos: cenários culturais, guiões intrapsíquicos e guiões interpessoais. Os primeiros são padrões coletivos, que variam de cultura para cultura; os segundos correspondem aos desejos e às fantasias individuais, moldados pelos cenários culturais; e os *scripts* interpessoais definem a forma de interagir nas situações sexuais e resultam de uma combinação dos outros dois scripts e das expectativas do parceiro/a. Neste sentido, a sexualidade é aprendida a partir das mensagens culturalmente disponíveis, que, posteriormente, são adaptadas pelo indivíduo aos seus contextos interpessoais particulares, bem como modificadas e internalizadas (Frith & Kitzinger, 2001). Segundo Wiederman (2005), os indivíduos regem-se mais pelos cenários culturais no início de um relacionamento, pois ainda têm pouca informação sobre os aspetos idiossincráticos dos scripts do parceiro, para fazer os ajustes necessários e estabelecer os scripts interpessoais.

No estudo de Wentland e Reissing (2011), verificou-se que, no âmbito dos RSC, a conduta sexual é negociada ou estabelecida entre os parceiros, através de regras explícitas (discutidas explicitamente pelos indivíduos) ou implícitas (expectáveis, mas não discutidas pelos indivíduos). Os participantes deste estudo concordaram que em relações de FWB há uma discussão explícita sobre a natureza da relação, relativamente

a temas como a monogamia e conhecimento público da relação, uso do preservativo e término da relação. No entanto, em relacionamentos de FB, BC e ONS, os participantes referem que esta discussão não acontece, sendo estes relacionamentos regidos sobretudo por regras implícitas. Estes e outros dados foram recolhidos em amostras de outras culturas, e, por isso, podem não ser representativos da realidade portuguesa relativamente à forma como se caracterizam os diferentes tipos de RSC, bem como os guiões sexuais que lhe estão subjacentes. Ter um maior conhecimento dos guiões sexuais e dos códigos de conduta adoptados em cada RSC, auxiliaria, tanto na prevenção de comportamentos de risco, como na construção de respostas interventivas mais adequadas, face a problemáticas relacionadas com a sexualidade.

Guiões sexuais no género feminino

Independentemente da etnia, mulheres e homens representam diferentes subculturas (Wiederman, 2005). Os papéis de género estabelecidos na sociedade incentivam a uma menor exploração sexual feminina, sendo essa exploração vista como normativa, e até congratulada, nos homens. Desta forma, o desejo sexual do homem é retratado como legítimo e o desejo sexual da mulher é negligenciado ou legitimado apenas se o objetivo último for o estabelecimento de relações amorosas de compromisso, apoiando assim um duplo padrão sexual que limita a sexualidade das mulheres, na sua expressão e desejo de intimidade (Lai & Hynie, 2010). Na perspectiva de um duplo padrão sexual tradicional é expectável que as mulheres evitem ter relações sexuais casuais e que sejam sexualmente activas apenas em relações românticas de compromisso, por receio de serem alvo de crítica pela sociedade (Armstrong, England, & Fogarty, 2010; Crawford & Popp, 2003). Por esta razão, as mulheres mostram-se mais sensíveis à pressão social quando questionadas acerca das suas experiências sexuais, o que, muitas vezes, leva à omissão ou distorção do seu histórico sexual

(Alexander & Fisher, 2003). A mulher poderá também sentir-se desencorajada e recusar envolver-se sexualmente com um novo parceiro, com receio da reputação social negativa que lhe possa ser atribuída (Wiederman, 2005).

No estudo de Hamilton e Armstrong (2009), estudantes universitárias consideraram existir um estigma face ao seu envolvimento em relacionamentos sexuais casuais, nomeadamente *Hookups*. O envolvimento neste tipo de relacionamentos, fora do contexto de uma relação romântica, levou a que estas estudantes sentissem que podiam ser intituladas de *slut's* e percebidas como pessoas com menos qualidades. Para além disso, relataram existir a crença de que as mulheres se envolviam em relacionamentos, mesmo quando casuais, devido à necessidade de serem amadas por um homem. O que, segundo as mesmas, não correspondia à realidade, pois o interesse nestas relações variava e não se cingia apenas à componente emocional. Desta forma, podemos concluir que, por um lado, as mulheres têm interesse em relacionamentos sexuais casuais, mesmo quando a componente física se sobrepõem à componente emocional, mas que, por outro, como esse interesse não é validado pela sociedade, estas são alvo de desvalorização e crítica.

A Categorização dos RSC

A perspectiva sobre os processos naturais de categorização veio confirmar que existem categorias de objetos que são utilizadas pelos indivíduos de forma mais espontânea do que outras (Rosch & Mervis, 1975; Rosch, Mervis, Gray, Johnson, & Boyes-Braem, 1976), dado serem mais ricas do ponto de vista cognitivo e, portanto, mais fácil e preferencialmente utilizadas (Alvarez, 2005). Estas categorias estruturam-se em torno dos casos mais claros e através da semelhança familiar entre os membros, visto que as características principais são partilhadas entre si. No entanto, para ser considerado um caso claro da categoria terá de partilhar semelhanças com o protótipo

da categoria, mas também de corresponder ao nível de abrangência a que a categoria diz respeito, sendo que, num nível de abstracção básico, as categorias são, simultaneamente, mais informativas e mais diferenciadas entre si (Rosch, et al., 1976). Este sistema de semelhanças e diferenças gradativas constitui uma taxonomia (Alvarez, 2005). Dada a semelhança das propriedades encontradas por Rosch e colaboradores na categorização de objetos naturais e na categorização utilizada para classificar situações sexuais, os encontros sexuais revelaram poder ser categorizados em três níveis de abrangência: o nível superordenado que corresponde ao nível mais geral; o nível básico, que corresponde ao nível intermédio; e o nível subordinado, que corresponde ao nível mais discriminado (Alvarez, 2005).

O presente estudo

Neste estudo procurou identificar-se e conhecer aprofundadamente os relacionamentos sexuais casuais em que adultos emergentes portugueses se envolvem, as suas características, e possíveis especificidades na conceptualização e vivência destes RSC pelo género feminino.

De forma a atingir os objetivos traçados, foram realizados dois estudos. No primeiro estudo os participantes categorizaram os encontros sexuais casuais em três momentos, tendo em conta o seu grau de semelhança, para que se pudesse aceder aos encontros mais claros e ilustrativos dos RSC. No segundo estudo, procurou aprofundar-se o conhecimento sobre os relacionamentos sexuais casuais identificados no primeiro estudo, nomeadamente, através da deteção de especificidades relacionadas com aspectos temporais, emocionais, sociais, sexuais e possíveis padrões que ajudassem a diferenciá-los, junto de uma amostra do género feminino.

Assim, pretendeu-se responder às seguintes questões de investigação:

Quais os encontros mais claros identificados pelos adultos emergentes?

Que dimensões estão subjacentes à categorização desses encontros?

Quais os padrões e as especificidades que os diferenciam, de acordo com o gênero feminino?

Capítulo II – Método

Participantes

A presente investigação contou com um total de 32 participantes para os dois estudos realizados, sendo 19 do género feminino (59.4%), com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos ($M= 22.81$, $DP = 3.46$).

No primeiro estudo estiveram envolvidos 23 participantes, sendo três do estudo piloto. Dos três participantes do estudo piloto, um era do género masculino, sendo que todos tinham curso superior. Dos 20 participantes do estudo propriamente dito, 11 eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos ($M = 23.10$, $DP = 2.85$), de etnia caucasiana, sendo a maioria solteira e com curso superior. No Quadro 1, apresenta-se a caracterização da amostra, sem os participantes do estudo piloto.

Quadro 1

Descrição da amostra do Estudo 1 (N=20)

Variáveis sócio demográficas	Participantes(%)
Género	
Masculino	11 (55)
Feminino	9 (45)
Estado Civil	
Solteir@	18 (90)
Casad@	1 (5)
União de Facto	1 (5)
Religião	
Sim – Católica	10 (50)
Não	10 (50)
Habilitações Literárias	
Ensino Secundário	5 (25)
Até 3 anos de frequência de Ensino Superior ou Politécnico	2 (10)
Curso Superior	10 (50)
Mestrado	3 (15)

O segundo estudo envolveu nove participantes, sendo três do estudo piloto. Todas as participantes eram do género feminino, tendo idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos ($M = 20.67$, $DP = 3.46$). Todas eram solteiras e já tinham tido relações sexuais, estando a maioria a frequentar o ensino superior, uma vez não estar concluído, referiram ter o ensino secundário. No Quadro 2, apresenta-se a caracterização da amostra, incluindo as participantes do estudo piloto, uma vez que a informação recolhida no estudo piloto foi considerada e utilizada para o estudo propriamente dito.

Quadro 2
Descrição da amostra do Estudo 2 (N = 9)

Variáveis sócio demográficas	Participantes (%)
Etnia	
Caucasiana	8 (88.9)
Outra	1 (11.1)
Religião	
Sim – Católica	1 (11.1)
Não	8 (88.9)
Habilitações Literárias	
Ensino Secundário	6 (66.7)
Até 3 anos de frequência de Ensino Superior ou Politécnico	1 (11.1)
Curso Superior	2 (22.2)
Experiência em Relacionamentos Sexuais Casuais	
Sim	7 (77.8)
Não	2 (22.2)

Instrumentos

Estudo 1

Para este estudo foi criado um conjunto de 14 cartões (Anexo 1), cada um com um encontro sexual casual inscrito. As designações utilizadas nestes cartões resultaram de um estudo anterior no qual se apuraram os termos mais utilizados por jovens adultos portugueses para se referirem a uma relação sexual casual (Garcia, 2018), sendo estes: Amigos Coloridos, Beijos, *Booty Calls*, Caso de uma Noite, Cena, Comilanço, Curte, Dar uma Volta, Engate, Enrolanço, *Fuck Buddy*, Ir para a Cama, Paixão Passageira e Relação Casual.

Foi criado um questionário de dados sócio demográficos no qual se solicitou ao participante que indicasse a idade, género, estado civil, etnia, religião e habilitações literárias (Anexo 2).

Estudo 2

No segundo estudo, para a realização de entrevistas de grupo focais, foi desenvolvido um guião (Anexo 3). A elaboração do guião seguiu as orientações deixadas para a sua estrutura na literatura (Krueger & Casey, 2000), bem como para o seu conteúdo (Karlsen & Traeen, 2013; Wentland & Reissing, 2011). O guião foi composto por oito blocos temáticos: Legitimação da entrevista; Iniciação (compreensão do conhecimento dos participantes acerca dos RSC, de como se iniciam, quais os factores facilitadores, com quem se envolvem e motivação para tal); Conduta (regras estabelecidas - explícitas vs. implícitas e scripts); Comunicação (assuntos abordados, planeamento dos encontros; nível de secretismo; terminologia da relação); Interacção (frequência dos encontros, envolvimento sexual, envolvimento emocional, vantagens e

desvantagens); Duração (duração da relação mediante o tipo de encontro); Continuidade/Término (nível de interesse e envolvimento emocional na continuidade ou término da relação, término formal vs. informal, contacto após término); Finalização da entrevista.

Para este estudo foi também criado um questionário de dados sócio demográficos, semelhante ao utilizado no Estudo 1. No entanto, neste questionário, foi também solicitado às participantes que indicassem a experiência em relacionamentos sexuais casuais (Anexo 4).

Procedimento

No primeiro estudo pediu-se aos participantes que categorizassem os encontros sexuais casuais em três momentos, tendo em conta o seu grau de semelhança, para que se pudesse aceder aos encontros mais claros e ilustrativos. No segundo estudo, procurou aprofundar-se o conhecimento sobre os relacionamentos sexuais casuais identificados no primeiro estudo, nomeadamente, detectando especificidades relacionadas com aspectos temporais, emocionais, sociais, sexuais e possíveis padrões que ajudassem a diferenciá-los.

Estudo 1

Para que os participantes compreendessem o objetivo da tarefa foi criada uma instrução escrita (Anexo 5). Nesta instrução, foi solicitado aos participantes que fizessem uma categorização dos encontros em três momentos distintos. No primeiro deviam agrupar os cartões no menor número de categorias possível, tendo em conta o seu grau de semelhança, de acordo com critérios à sua escolha. No segundo momento deviam subdividir cada uma das categorias formadas na tarefa anterior, recorrendo aos critérios que considerassem mais adequados. Os participantes tinham oportunidade de reformular as categorias da primeira tarefa, caso sentissem essa necessidade. No

terceiro, e último momento, foi solicitado aos participantes que subdividissem, novamente, as categorias elaboradas na tarefa anterior, de acordo com os critérios que achassem mais adequados. Mais uma vez, tiveram a oportunidade, caso considerassem necessário, de reformular as categorias elaboradas nas tarefas anteriores. Após a conclusão das categorizações para os três momentos, elaborados com três conjuntos de cartões iguais, de modo a que os participantes pudessem reformular as categorias de todas as tarefas se assim o desejassem, foi pedido aos participantes que explicassem brevemente os critérios das categorizações realizadas para cada um dos momentos.

Para testar a clareza da instrução e do instrumento criado, realizou-se um estudo piloto. Na sequência do estudo piloto, surgiu a necessidade de alterar uma instrução da tarefa para tornar a leitura mais fácil e a tarefa mais intuitiva aquando da sua realização. Assim, depois das alterações efectuadas, iniciou-se o estudo propriamente dito. Os dados foram recolhidos presencialmente e foi utilizada uma amostra por conveniência.

No início de cada recolha, foi solicitado aos participantes que lessem o consentimento informado (Anexo 6) e, em caso de aceitarem a participação, preenchessem o questionário de dados sócio demográficos e, seguidamente, realizassem a tarefa.

Para se proceder à interpretação das dimensões em que foram organizados os encontros, mediante os três momentos da tarefa de categorização, e determinar os exemplos mais ilustrativos/típicos dos extremos de cada dimensão, os resultados foram apresentados a cinco juízes adultos. Cada juiz recebeu um enunciado (Anexo 7) no qual se solicitava a nomeação de cada dimensão, e respectivos extremos, e a selecção do encontro que melhor representava cada extremo.

Estudo 2

Neste estudo foram realizadas entrevistas de grupos focais. Este método qualitativo consiste numa discussão guiada, e realizada em grupo, de modo a gerar uma compreensão rica das experiências, perspectivas e crenças dos participantes, permitindo a descoberta de factores que influenciam certas opiniões, comportamentos e motivações e a emergência de novas ideias pelo grupo (Krueger & Cassey, 2000).

Para testar a pertinência do guião e a sua eficácia na condução da entrevista, foi realizado um estudo piloto. O guião mostrou-se adequado, mediante a informação que se pretendia obter e deu-se início às entrevistas de grupos focais.

A angariação dos participantes foi realizada na Unidade Curricular (UC) *Introdução à Sexualidade Humana*, integrante do plano curricular do 2ºano de Licenciatura da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL). Com o objetivo de angariar cerca de 10 participantes do género feminino, entre os 18 e os 29 anos, divididos em duas ou três entrevistas de grupos focais, foi solicitado aos alunos do género masculino, inscritos nesta UC, que providenciassem uma participante, dentro dos critérios já indicados. No entanto, o número de alunos do género masculino não foi suficiente para a angariação pretendida e também as alunas do género feminino puderam providenciar participantes do mesmo género. A amostra utilizada no estudo foi assim uma amostra por conveniência.

Depois do contacto com as participantes ter sido estabelecido via e-mail, foi criada uma plataforma no *Doodle*, onde foram propostas datas para a realização das entrevistas para que as participantes pudessem indicar a sua disponibilidade. Foram realizadas duas entrevistas de grupos focais, a primeira com quatro participantes e a segunda com duas participantes. Uma vez que não houve necessidade de alterar o guião após a realização do estudo piloto, utilizou-se para a amostra as três participantes desse estudo.

Todas as entrevistas, incluindo a entrevista piloto, foram gravadas e realizadas presencialmente, numa sala reservada para o efeito, na FPUL. Antes de se dar início às entrevistas foi explicado às participantes qual o objectivo das mesmas e foi-lhes pedido que lessem e assinassem o consentimento informado (Anexo 8) e, em seguida, deu-se início à entrevista.

No final da entrevista foi pedido aos participantes que preenchessem o questionário de dados sócio demográficos.

O estudo foi apresentado e aprovado pela Comissão de Deontologia da FPUL.

Procedimentos de Análise

Estudo 1

Para analisar os dados recolhidos na tarefa de categorização recorreu-se a uma Análise Factorial por Correspondências Múltiplas (AFCM), através da técnica de análise de proximidades. As técnicas de análise de proximidades ou de análise multidimensional baseiam-se nos coeficientes de proximidade entre diferentes estímulos e permitem situá-los num número limitado de dimensões, preservando as relações de distâncias entre estas dimensões. Assim, as dimensões a reter dependem da adequação do modelo aos dados iniciais, ou seja, às proximidades (ou distâncias) observadas. A adequação do modelo é indicada por uma medida denominada stress, que fornece a proporção das diferenças empíricas que não são coerentes com as distâncias representadas - se as distâncias resultantes da análise e as diferenças observadas se ordenarem de forma idêntica, o stress é 0 (Oliveira & Amaral, 2007). Neste estudo o valor de referência de stress foi de 0.10.

Foi realizada uma AFCM para cada um dos momentos da tarefa de categorização, o que deu origem a três resultados, um por momento. Os resultados de cada AFCM são representados em factores, o que facilita a interpretação das suas propriedades

estruturais e significantes, pois define relações de proximidade e de oposição entre os pontos (Oliveira & Amaral, 2007). Assim, foram seleccionados os factores (encontros) que mais peso detinham em cada uma das três dimensões obtidas em cada tarefa de categorização. Como se pretendia obter os encontros que se situariam no extremo de cada dimensão, foram seleccionados os factores com maior oposição, ou seja, os factores com os valores positivos e os factores com os valores negativos mais elevados.

Para interpretar as oposições e as proximidades entre os diferentes elementos de um mesmo eixo/dimensão houve a necessidade de atribuir significado a esses mesmos eixos/dimensões, procedendo-se ao acordo inter-juízes e aos cálculos do nível de acordo por dimensão, que se traduziu em três níveis de acordo, um para cada momento de categorização; o nível de acordo para os extremos de cada dimensão, que se traduziu em seis níveis de acordo, dois por cada dimensão; e por fim, o nível de acordo por encontro, que se traduziu em seis níveis de acordo, dois por cada dimensão, visto que se pretendeu associar a cada extremo o encontro que melhor o ilustrava. Estes cálculos foram efectuados através do quociente do número de acordos pela soma do número de acordos e do número de desacordos.

Foi escolhida a categorização que obteve o maior nível de acordo em relação aos encontros escolhidos pelos juízes para representar cada extremo da dimensão. Os desacordos foram discutidos entre os juízes até se atingir consenso. Assim, obtiveram-se as dimensões, os pólos e os encontros que, posteriormente, foram trabalhados a título sugestivo nas entrevistas de grupos focais.

Estudo 2

Depois de realizadas as entrevistas de grupo focais, o primeiro procedimento realizado foi a transcrição integral das mesmas. Posteriormente, procedeu-se à análise temática dessa informação, através do software ATLAS.ti, que permite gerir, comparar,

explorar e extrair porções de informação relevantes de textos extensos, nomeadamente, transcrições de entrevistas.

A análise temática, como o próprio nome indica, identifica concomitâncias temáticas, de modo a descobrir “núcleos de sentido” (Bardin, 2004), que podem ter significado para o objectivo de análise, criando categorias em função das mesmas (Esteves, 2006). Podem ser utilizadas categorias pré-existentes ou serem criadas categorias emergentes do sentido dos dados analisados pelo investigador (Esteves, 2006). Neste estudo, realizou-se uma análise temática com base em categorias pré-existentes, que correspondiam aos temas que constavam do guião da entrevista, no entanto, foram também construídas categorias emergentes, relativas a temas que não constavam no guião, mas que foram espontaneamente, e significativamente, referidos pelas entrevistadas. Todos estes temas foram operacionalizados, tendo como referência de suporte o artigo de Wentland e Reissing (2011). Para além destas categorias temáticas, todas as designações de relacionamentos sexuais casuais mencionadas em entrevista foram codificadas, para que, no decorrer da análise, pudessem ser associadas aos grandes temas, quando os entrevistados procediam à caracterização desses encontros. Para além disso, esta codificação permitiu contabilizar o número de entrevistas em que estas designações foram mencionadas e, assim, determinar quais destes encontros ocorriam numa frequência relevante para serem descritos, de acordo com os objetivos estabelecidos, i.e. nas três entrevistas.

Para uma interpretação dos dados o mais objetiva possível, foi pedido a dois juízes que codificassem 10% do total das citações das entrevistas, com consulta à operacionalização dos temas, já antes mencionada. Para cada citação, os juízes foram instruídos a identificar tantos temas quanto achassem necessários, de acordo com o conteúdo da citação e a operacionalização fornecida. Posteriormente, calculou-se o

acordo entre a codificação que realizei e a codificação que os juízes realizaram. A percentagem de acordo foi calculada através do quociente do número de acordos pela soma do número de acordos e do número de desacordos. Obteve-se 68.7% e 72.7% num primeiro momento e, posteriormente, os desacordos foram discutidos até se obter total consenso inter juízes.

Capítulo III – Resultados

Estudo 1

Para o primeiro momento de categorização, apresentado no Quadro 3, de acordo com os valores mais extremos das coordenadas, foram seleccionados, para a primeira dimensão, os encontros *Fuck Buddy*, Dar uma volta, Ir para a cama e Cena, no pólo 1; Engate, Booty Call, Relação Casual e Amigos Coloridos, no pólo 2. Na dimensão 2, foram seleccionados os encontros Curte e Paixão Passageira, para o pólo 1; Enrolaço e Beijos, para o pólo 2. Na dimensão 3, foram seleccionados os encontros Paixão Passageira e Caso de uma noite, para o pólo 1; Amigos Coloridos e Dar uma volta, para o pólo 2. Nesta categorização, o valor de stress foi de .109.

Quadro 3

Coordenadas dos estímulos para o primeiro momento de categorização

Nome de estímulo	Dimensões		
	1	2	3
Amigos coloridos	1.4593	.2247	1.3397
Beijos	.1016	1.3917	.4790
<i>Booty Call</i>	1.9493	-.7038	-.6352
Caso de uma noite	-.4785	.4690	-1.1309
Cena	-1.1318	-.5255	.7468
Comilaço	-.9229	-.5499	-.8924
Curte	-.2586	-1.5394	.7791
Dar uma volta	-1.1943	.3446	.8541
Engate	2.0773	.2701	.4531
Enrolaço	.2436	1.9500	-.1038
<i>Fuck Buddy</i>	-1.6050	.2386	.1608
Ir para a cama	-1.4932	.1478	-.0611
Relação Casual	1.6902	-.1323	-.5922
Paixão Passageira	-.4368	-1.1362	-1.3971

Para o segundo momento de categorização (Quadro 4) foram seleccionados para a primeira dimensão, os encontros Cena, *Fuck Buddy*, Ir para a Cama e Caso de uma noite, para o pólo 1; Engate, Amigos Coloridos, *Booty Call* e Relação Casual, para o

pólo 2. Na dimensão 2, foram selecionados os encontros Paixão Passageira e Curte, no pólo 1; Enrolanço e Beijos, no pólo 2. Na dimensão 3, foram selecionados os encontros Curte e Comilanço, para o pólo 1; Dar uma volta e Ir para a cama, para o pólo 2. Nesta categorização, o valor de stress foi de .102.

Quadro 4

Coordenadas dos estímulos para o segundo momento de categorização

Nome de estímulo	Dimensões		
	1	2	3
Amigos coloridos	1.9353	-.0667	.0250
Beijos	.1303	1.8093	-.6169
<i>Booty Call</i>	1.9313	-.5457	.6257
Caso de uma noite	-1.2225	-.6376	.5385
Cena	-1.3591	-.5144	-.2925
Comilanço	-.7998	.6460	-.9868
Curte	-.1706	-.8320	-1.1181
Dar uma volta	-.9811	.4070	1.1771
Engate	1.9574	-.1775	.5337
Enrolanço	.3590	2.0359	-.0235
<i>Fuck Buddy</i>	-1.3214	-.4478	.2402
Ir para a cama	-1.2813	.2550	.7631
Relação Casual	1.6643	-.7302	-.5960
Paixão Passageira	-.8418	-1.2011	-.8545

Para o terceiro momento de categorização (Quadro 5) foram seleccionados para a primeira dimensão, os encontros Ir para a cama, Cena, Caso de uma noite e Dar uma volta, para o pólo 1; Amigos Coloridos, Engate, *Booty Call* e Relação Casual, para o pólo 2. Na dimensão 2, foram selecionados os encontros *Booty Call*, Relação Casual e Curte, para o pólo 1; Beijos e Enrolanço, para o pólo 2. Na dimensão 3, foram selecionados os encontros Dar uma volta e Comilanço, para o pólo 1; *Fuck Buddy* e Paixão passageira, para o pólo 2. Nesta categorização, o valor de stress foi de .102.

Quadro 5

Coordenadas dos estímulos para o terceiro momento de categorização

	Dimensões		
	1	2	3
Nome de estímulo			
Amigos coloridos	1.7717	-.3253	-.3733
Beijos	.5082	2.0022	.1405
<i>Booty Call</i>	1.7423	-1.1070	-.2230
Caso de uma noite	-1.3398	-.3681	.1612
Cena	-1.3952	-.4379	-.0832
Comilanço	-.9359	.6928	-.7551
Curte	-.7103	-1.0164	.4625
Dar uma volta	-1.2849	-.2602	-1.2237
Engate	1.7697	-.1351	.4496
Enrolanço	.9840	1.5623	-.6863
<i>Fuck Buddy</i>	-.5414	.4992	1.6122
Ir para a cama	-1.4797	-.0454	-.0956
Relação Casual	1.5500	-1.0671	-.0662
Paixão Passageira	-.6386	.0064	1.5795

Após o acordo inter-juízes (Quadro 6), obtiveram-se os encontros mais ilustrativos para cada extremo de cada dimensão.

Quadro 6

Níveis de acordo inter-juízes (%)

	Momento de categorização		
	1	2	3
Dimensão	57	85.7	92
Extremo/pólo 1	50	78.6	92
Encontro pólo 1	73	86.7	73
Extremo/pólo 2	50	78.6	92
Encontro pólo 2	71	80	73

Ao nível da dimensão verificou-se um maior nível de acordo no terceiro momento da categorização (92%); no pólo 1, no terceiro momento de categorização (92%) e no encontro escolhido para representar esse pólo no segundo momento de categorização (86.7%); no pólo 2, verificou-se um maior nível de acordo no terceiro momento de categorização (92%) e no encontro escolhido para representar esse pólo no segundo momento de categorização (80%). Como o estudo procurou aceder aos

encontros mais ilustrativos e claros dentro dos relacionamentos sexuais casuais, os níveis de acordo referentes aos encontros foram determinantes para o momento de categorização a ser tido em conta nas entrevistas. Assim, com 87% e 80% de nível de acordo nos encontros, a categorização do segundo momento da tarefa foi considerada a mais relevante. Assim, obtiveram-se as dimensões, os pólos e os encontros, representados tridimensionalmente na Figura 1.

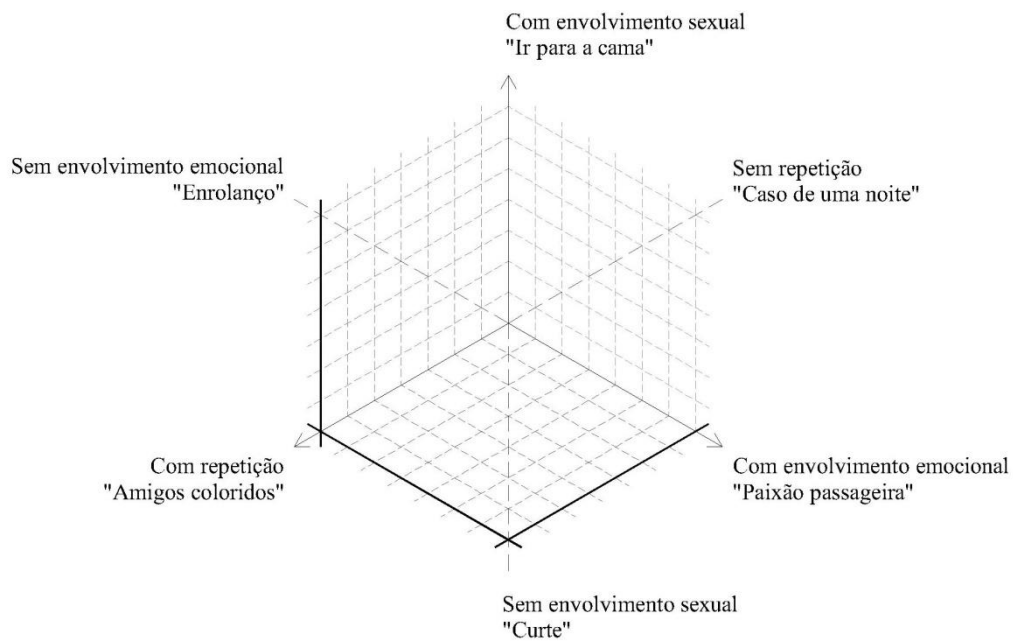


Figura 1

Representação tridimensional dos pólos e encontros associados

Estudo 2

A partir das categorias pré-existent e das categorias que emergiram da análise temática, foi possível operacionalizar os temas e subtemas resultantes da análise das entrevistas (Quadro 7).

Quadro 7

Operacionalização dos temas e subtemas presentes na análise das entrevistas de grupos focais

Temas	Subtemas	Operacionalização
Definição RSC	Repetição	Se o relacionamento acontece numa circunstância isolada ou se há repetição dos encontros nos diferentes RSC
	Envolvimento sexual	Existência ou não de actividade sexual e a sua tipicidade (por ex: sexo oral, penetração) nos RSC
	Envolvimento emocional	Sentimentos e emoções que surgem nos diferentes RSC
Duplo Padrão Sexual (DPS)	DPS Pessoal	Diferenças e semelhanças na expectativa do comportamento sexual nos diferentes géneros. Esta expectativa divide-se em expectativa manifestada socialmente e a um nível mais pessoal; existência de estigma e as diferenças deste no género
	DPS Social	
Proteção Sexual	-	Existência de protecção sexual e a sua utilização nos diferentes tipos de actividade sexual e nos diferentes RSC
Perspectiva Desenvolvimentista	-	Evolução nas características dos RSC associadas ao nível de maturidade sexual presente nas diferentes fases do desenvolvimento (adolescência, transição para jovem adulto, vida adulta)
Iniciação	Factores facilitadores (Álcool, redes sociais, contexto...)	Como acontece o começo/início de um RSC com dois subtópicos associados: quais os factores facilitadores do início dos diferentes RSC e as motivações que levam ao envolvimento neste tipo de relacionamentos
	Motivações	
Conduta	Regras (explícitas ou implícitas)	Quais os códigos de conduta, i.e o conjunto de regras que orientam o comportamento dos envolvidos nos diferentes RSC, com dois subtemas relativos às regras explícitas (discutidas/acordadas pelos indivíduos) ou implícitas (não discutidas mas que se espera que sejam cumpridas), existência de exclusividade/monogamia neste tipo de relacionamentos e outros guiões sexuais que poderão surgir
	Scripts/Guiões sexuais	
	Exclusividade/ não exclusividade	
Comunicação	Secretismo da relação	Qual o nível de comunicação nos

	Planeamento dos encontros Grau de abertura na comunicação	diferentes RSC com três subtemas relativos ao nível de secretismo fora da relação; ao planeamento dos encontros; e ao grau de abertura e aprofundamento da comunicação entre os envolvidos e como/porque é que essa abertura varia nos diferentes RSC
Interacção	Frequência Envolvimento sexual Envolvimento emocional Vantagens/Consequências positiva e Desvantagens/Consequências negativas	Como se caracteriza a interação entre os envolvidos com quatro subtemas relativos à repetição dos encontros, à existência de actividade sexual e a sua tipicidade (por ex: sexo oral, penetração), ao grau de envolvimento emocional e às vantagens ou desvantagens, sempre que o participante se refira a um RSC específico
Continuidade/Término	Duração Término formal vs. Informal Relação após termino Influencia do tipo de interesse para a continuidade/término da relação	Como se caracteriza a continuidade ou o término da relação nos diferentes RSC com quatro subtemas: se existe ou não prazo temporal para este tipo de relacionamentos e se esse varia consoante o RSC; se o relacionamento termina formalmente ou informalmente e que fatores influenciam ou determinam a forma como este acaba; se o contacto se mantém após o término; e como o nível de interesse pelo outro pode levar ao término ou à continuidade da relação

Com apoio a esta operacionalização apresentam-se os resultados da análise temática.

O que são Relacionamentos Sexuais Casuais

Para a maioria das participantes, um relacionamento sexual casual é algo que acontece uma vez ou ocasionalmente, com a finalidade de se ter relações sexuais, sem qualquer tipo de sentimentos envolvidos.

III.1: (...) Só acontece uma vez.

II.1: Algo que acontece ocasionalmente, ou seja, as pessoas juntam-se ocasionalmente para ter relações sexuais (...)

I.1: (...) não necessariamente uma coisa que só acontece uma vez mas...uma coisa que acontece...ocasionalmente.

III.1:Eu acho é que (...) não tem sentimentos envolvidos.

Houve quem referisse a possibilidade de haver sentimentos envolvidos, no entanto, estes relacionamentos tendem a ocorrer com base na atração física, em detrimento da “atração emocional”.

II.1: (...) eu acho que numa relação sexual casual pode não haver sentimentos a...ou seja, é tudo muito na base da atração física e não na atração emocional.

Apesar de se falar em relações sexuais casuais, nem todas as participantes consideraram que o sexo estivesse subentendido nestas relações, podendo este envolvimento ficar apenas pelos “preliminares”.

E2: (...) vocês acham que para se ser considerado um relacionamento sexual casual tem de haver necessariamente sexo? (...) Ou pode ficar só no antes (...) no preliminar?

II2: Eu acho que pode ficar só no antes, sim.

III2: Concordo.

Duplo Padrão Sexual

Nas entrevistas revelou-se a existência do duplo padrão sexual, nomeadamente, o estigma que existe para as mulheres, em comparação com os homens, relativamente

ao seu envolvimento neste tipo de relações. As participantes referiram que comportamentos como ir para a cama no primeiro encontro, quando praticados por mulheres, eram considerados errados ou inaceitáveis, pela sociedade.

II: (...) uma rapariga se conhece um rapaz e vai para a cama com ele no primeiro encontro... 'tá errado. Não estou a dizer isto como opinião pessoal. Estou a dizer isto como aquilo que eu acho que é a opinião de muita gente.

II: O contrário é fantástico...fantástico. Um homem que consegue ir para a cama com uma mulher no primeiro encontro...brutal. Um rei.

Numa das entrevistas foi referido que este estigma está a desaparecer com a progressiva desconstrução da visão tradicional e conservadora da sociedade, em relação ao papel do homem e da mulher, quando inseridos numa relação. No entanto, o julgamento ainda existente levaria a que, muitas das vezes, as pessoas não se sintam à vontade para vivenciar estes relacionamentos com total liberdade.

I3:(...) a sociedade é muito tradicional (...) antes as mulheres só perdiam a virgindade no casamento (...) ninguém queria saber se ela tinha vontade ou não tinha (...) se alcançava o orgasmo ou não (...) hoje em dia não...hoje as pessoas têm mais consciência da liberdade do seu corpo, só que isso, de forma geral, ainda não foi visto (...) porque as pessoas não têm essa capacidade de se sentir à vontade e de...fazerem aquilo que querem ou porque...as outras pessoas vão julgá-las.

Proteção Sexual

Em relação ao uso de métodos contraceptivos, sobretudo a respeito do uso do preservativo, todas as participantes foram de opinião de que se devia recorrer à sua

utilização, até porque, neste tipo de relacionamentos, é usual não haver um conhecimento prévio da pessoa e, conseqüentemente, não se ter informação acerca do histórico sexual do(a) parceiro(a) e da possibilidade de ser portador(a) de infecções sexualmente transmissíveis (IST).

I3: Até fazer o exame de uma doença sexualmente transmissível há-de passar 3 meses... portanto, até 3 meses nós não sabemos se aquela pessoa tem uma doença sexualmente transmissível ou não.

E3: Contando então que...quando nos envolvemos com uma pessoa pede-se exames médicos.

I3: Não, mas converso sobre o assunto, quando não é casual...

E3: Então e quando é casual?

I3: Então, usa-se proteção e pronto.

Uma das participantes referiu ainda que, no momento do envolvimento sexual, a maior parte das pessoas se esquece ou não pondera proteger-se. Inclusive, afirmou que se as mulheres colocassem preservativo feminino antes de saírem de casa, a proteção neste tipo de relações aumentaria.

I3: (...) por exemplo, se uma rapariga vai para a noite...uma rapariga pode sair de casa, meter um preservativo feminino e está a proteção feita...as pessoas não têm consciência disso. Se isso acontecesse, eu tenho a certeza que havia muito mais proteção porque é uma coisa que não é decidida naquele momento. Quando é decidido naquele momento, as coisas não correm tão bem e por vezes escapa a proteção.

Perspetiva desenvolvimentista

A curte, considerada um tipo de relacionamento sexual casual, foi percebida, pela maior parte das participantes, como uma relação que remonta à fase da adolescência e ensino secundário, antes da vida sexual ser iniciada, ou às primeiras experiências de intimidade.

I3:(...) há o curtir antes de iniciar a minha vida sexual, que era tipo beijinhos e apalpões e o depois que, se calhar para mim, ir para a noite e dar uns beijinhos e uns apalpanços já não chega, é tipo as drogas, já não chega lá a cima com tão pouco. É muito (ensino) secundário.

II3: Concordo. Acho que era um termo muito usado (...) uma coisa mais superficial (...) vamos ali para a esquina, vamos dar uns beijinhos e pronto, acabou-se. Era uma coisa mais básica, tipo 1, 2, 3.

Descrição dos encontros

No Quadro 8 encontra-se a referência, em cada entrevista, a designações de encontros.

Quadro 8

Designação dos encontros referidos nas entrevistas

Designações	Entrevistas		
	1	2	3
Amigos coloridos	×	×	×
Caso de uma Noite	×	×	×
Curte	×	×	×
Relacionamento aberto	×	×	
Relações Poliamores	×	×	

<i>Fuck Buddy</i>			×
Cena	×		
Enrolaço	×		
Orgias			×
<i>Threesome</i>			×
Relacionamento Casual		×	

Amigos Coloridos

A relação de amigos coloridos implicou conhecimento prévio e a existência de uma amizade. Houve quem referisse que este tipo de relacionamento podia não ser premeditado ou planeado, no entanto, existiriam fatores que promovem e motivam a sua iniciação. Estes factores mostraram poder ser pessoais ou contextuais, sendo os factores pessoais mais frequentemente mencionados pelas participantes, como o interesse, cumplicidade, partilha de experiências, atração física e outras questões afetivas e emocionais.

III: Eu acho que pode ser também tanto a atracção física, como a parte mais sentimental, afetiva, de... “gosto dele, ele compreende-me, gosto da maneira de pensar dele”.

III: (...) vão acabando por se conhecer melhor e se calhar percebem que aquela pessoa se calhar é mais interessante do que pensámos inicialmente.

III: Sim, eu acho que nos amigos coloridos os factores que influenciam são mais pessoais do que contextuais.

III: E também pode haver o facto de, como já são amigos há muito tempo, já podem ter passado por coisas juntos e já podem ser tipo...mais íntimos, o que também ajuda um bocado nesse sentido.

No entanto, foram também referidos alguns fatores contextuais, como festas e consumo de álcool.

IV2: (...) deu-se em um momento, numa festa, envolverem-se e estiveram envolvidos durante bastante tempo, mas continuaram a ter uma amizade, eram amigos, eram até da mesma turma e eram amigos, e falavam e tudo mais, mas quando havia um momento propício, festa e álcool e tudo mais, acontecia.

Foi unânime que numa relação de amigos coloridos era necessário definir-se regras porque a relação de amizade muda quando é acrescentada a componente da intimidade e do envolvimento físico.

III: ... eles eram amigos, agora as coisas são diferentes, têm que perceber o que é que está a acontecer (...).

Maioritariamente, as regras definidas eram explícitas, tornando-se necessário estabelecer limites, isto é, o que cada um estava disposto ou não a fazer, se havia exclusividade e que sentimentos poderiam estar envolvidos.

III: Eu acho que quando são amigos coloridos elas (as regras) são mais faladas.

III: Acho que...no fundo, o que é necessário estabelecer é os limites das pessoas (...) aquilo que cada um está disposto a fazer e o que não está

disposto a fazer, se aceitam estar com outro ou se não...pronto, são coisas que têm de ser faladas.

Não ficou logo claro se o uso de métodos contraceptivos também seria uma regra estabelecida, no entanto, uma das participantes afirmou que a proteção era necessária, visto que este relacionamento não era obrigatoriamente duradouro ou exclusivo para se poder descartar possíveis riscos associados a uma sexualidade desprotegida.

II3: Há confiança, até certo ponto (...) lá está, é uma base amigável, mas não quer dizer que eu esteja...que essa pessoa seja 100% reliable para eu dizer “ok, vai correr tudo bem, ele está precavido e não tenho que ter problemas com ele”. Não, nesse caso, como não é uma coisa discutível a longo prazo, como não é uma relação com base amorosa (...) acho que tem de haver sempre por base essa proteção, da parte dos dois.

As participantes falaram, maioritariamente, do secretismo desta relação, perante o restante círculo de amigos. Neste aspecto, afirmaram que o secretismo dependeria da confiança e do à vontade que os envolvidos sentiam em relação ao restante grupo. O que parece determinar o secretismo não seria tanto a dinâmica da relação, mas sim a dinâmica circundante e comum aos dois envolvidos.

III2: isso vai depender da relação que há entre o grupo, até das próprias pessoas envolvidas...da confiança, se sentem à vontade, se não...acho que depende mesmo de pessoa para pessoa.

A comunicação para se proceder ao planeamento dos encontros dependeu das rotinas e contextos partilhados entre os envolvidos, bem como do tipo de amizade.

II3: Combina-se uma hora ou um local e pronto...acontece outra vez.

I3: Ou estão juntos e é...

II3: (...) é espontâneo, sim. Porque, pronto, lá está, são amigos e podem ir sair à noite e depois afastam-se do grupo e vão...

E3: Ou seja, quando já partilham muitos contextos, isso pode acontecer de uma forma mais espontânea (...) Mas se realmente não houver tanto esse contexto com a intenção de...acaba por haver a necessidade de combinar (...)

I3: Exato, depende do tipo de amizade que havia antes. Se é uma amizade “eu vou à tua casa, tu vens à minha casa”, é mais fácil. Têm os meios para.

Já no grau de abertura desta comunicação, houve quem referisse que se já existisse intimidade para se falar de qualquer assunto, então essa abertura manter-se-ia. No entanto, uma das participantes referiu que, com o surgimento da componente sexual, a comunicação poderia tornar-se mais pobre ou de cariz somente sexual.

III2: Mas também depende se já havia. Na questão dos amigos coloridos, se já havia uma comunicação e intimidade para falar de qualquer assunto, não é por haver um relacionamento que vai evoluir, porque se já era tudo posto em cima da mesa...

II3: É assim, eu acho que, nos amigos coloridos, por exemplo, a partilha de outras matérias vai diminuindo porque...vai tudo levar sempre ao mesmo caminho...falam sobre isso e de repente, sabe se lá como, já estão a tocar no assunto outra vez (...) aquela amizade que era tão boa e

tão interessante passou a ser só relações sexuais e mais nada...e estamos a falar de jantar e de repente estamos a falar de ir para a cama depois do jantar, por exemplo.

Esta relação acontece mais do uma vez e, maior parte das participantes, assumiu a existência de envolvimento sexual. No entanto, numa das entrevistas referiu-se que poderia haver envolvimento físico sem actividade sexual.

II3: Não. Acho que...são amigos coloridos mas não são amigos sexuais...pode simplesmente haver beijos ou apalpões.

Como nos amigos coloridos se pressupõem a existência de uma amizade e proximidade, considerou-se a existência de sentimentos envolvidos neste tipo de relações. No entanto, estes sentimentos não foram considerados românticos.

II: (...) na questão dos amigos coloridos, tu tens sentimentos por aquela pessoa. Normalmente pessoas que têm relações de amigos coloridos são pessoas que têm essas relações precisamente pela proximidade que têm com essa pessoa.

II: Não são sentimentos românticos, mas são sentimentos que existem. E considero isso uma relação sexual casual na mesma.

O envolvimento neste tipo de relação tanto se mostrou vantajoso como desvantajoso, pois havendo um desequilíbrio a nível emocional, a amizade prévia podia ser afetada, no entanto, se fosse recíproco, o relacionamento poderá evoluir para outra coisa.

I3: (...) Se for amigos coloridos há que ter consciência de que aquilo pode estragar a amizade...simplesmente percebem que não têm nada em comum ou pode evoluir para outra coisa.

Foi unânime a opinião de que uma relação de amigos coloridos era terminada formalmente, pois, devido à proximidade e à amizade estabelecida, havia uma maior consideração pela pessoa e, assim, uma maior necessidade de conversar e tentar preservar essa ligação.

I3: Eu acho que os amigos coloridos quando querem manter a amizade dizem “olha, não me sinto confortável com o que está acontecer, foi bom enquanto durou mas não vai voltar a acontecer”.

Por fim, não foi referida uma durabilidade exata ou estimada para este tipo de relacionamento.

Caso de uma Noite

O caso de uma noite não implicou conhecimento prévio, podendo ocorrer com alguém que se conhece nessa mesma noite. Quando é esse o caso, as participantes referiram que o critério utilizado para a escolha do parceiro era a atração física.

IIII: Acho que o critério quando são desconhecidos é a atração!

(...)

III: (...) para impacto inicial acho que a atração física causa logo uma percepção positiva, portanto...

Este tipo de relacionamento ocorreu maioritariamente, em ambientes de festa, como bares e discotecas. Estes ambientes facilitam a iniciação destes casos, pois,

segundo as participantes, são contextos em que as pessoas estão mais libertas e mais facilmente interagem entre si.

I3: Eu acho que é mais propício, por exemplo, em bares, saídas à noite, discotecas...todo esse género de coisas em que as pessoas tornam o ambiente muito mais solto a...em que, normalmente, há menos preconceito à volta a...e simplesmente há aquela troca de olhares, ou o falar...as pessoas aproximam-se, abordam...eu vejo muito pedir um cigarro...ou isqueiro, uma coisa assim, e depois aquilo continua (...).

Referiram ainda que as redes sociais, nomeadamente o Tinder, também potenciava a ocorrência de casos de uma noite, apesar de ser um processo não tão imediato, o que também influenciava os critérios utilizados na escolha do parceiro.

II3: (...) acho que os bares são um melhor ambiente para isso acontecer, e numa rede social, como o Tinder, não é tão fácil de ter um one night stand, porque estamos atrás de um telemóvel a estabelecer uma relação para ver se gostamos dessa pessoa, em primeiro lugar. Se ela for de acordo com as minhas categorias, tudo bem, vamos para a frente, mas se for num bar, é simplesmente aquilo que eu vejo naquela noite e é aquilo que, naquela noite, eu tenho.

De acordo com as participantes, neste tipo de relacionamento sexual casual não há a preocupação de estabelecer regras, pois consideraram que as regras de conduta eram mais importantes de ser estabelecidas em relações com uma maior continuidade. O consentimento foi, muitas vezes, referido como a regra implícita mais importante.

II: Eu acho que, provavelmente, há um maior cuidado em estabelecer regras, uma preocupação com isso em... relações que têm uma maior continuidade...se eu conheço uma pessoa numa noite, vou para a cama com ela e no dia a seguir nunca mais a vou ver (...) Não vão propriamente preocupar-me em estabelecer regras para além das regras normais do consentimento e que são do bom senso de toda a gente.

A comunicação estabelecida entre os envolvidos foi referida como bastante superficial e caracterizou-se por conversas triviais e pouco pessoais. O encontro também poderia ser falado e planeado, no que diz respeito, por exemplo, ao local onde irá ocorrer.

E3: (...) no one night stand, o que é que as pessoas falam?

II3: Nada!

I3: Gemem, se as coisas correrem bem.

I3: No caminho é tipo “ah então, estudas onde?”

II3: “Como é que te chamas?”

Para as participantes, o caso de uma noite, como o próprio nome indica, só acontece uma vez, e, se houver a repetição do encontro, terá de ser designado de outra forma.

E3: Ok, e no caso de uma noite, se houver repetição já passa a outra coisa (...)?

I3: Sim, se não é só um one night stand.

Neste tipo de relacionamento, o envolvimento sexual mostrou-se, quase sempre, subentendido, no entanto, as duas pessoas podem nunca chegar a envolver-se sexualmente, se houver algum aspecto que não agrade uma ou ambas as partes.

E3: (...) num one night stand, o envolvimento sexual tem de ser consumado...?

I3: Não...não porque às vezes há tipo “beija mal”...beija mal e é descartado.

Considerou-se que o caso de uma noite era uma relação vantajosa, no sentido em que não há compromisso, no entanto, poderá ser desvantajosa e ter consequências negativas se não se tomar as precauções devidas, como o uso do preservativo.

I3: por exemplo, num one night stand (...) (a principal consequência) é quando não se tem as precauções devidas...uma doença, uma gravidez... um susto qualquer.

Em relação ao término da relação, normalmente este acontece sem que haja uma conversa sobre o assunto. Parece já estar implícito que, depois do encontro, a relação entre os envolvidos termina e o contacto também se perde, nomeadamente nas redes sociais.

I3: (...) quando é uma coisa de uma noite perceber que foi uma pessoa com quem partilhámos ali umas horas...a pessoa vai seguir, nós nunca mais nos vamos cruzar, se for preciso daqui a uma semana deixo de a seguir no insta, não quero saber.

Curte

A curte foi percebida como um relacionamento que se inicia de forma espontânea, pouco planeada ou ponderada, e que poderá acontecer sem haver um conhecimento prévio ou uma amizade estabelecida com a outra pessoa. Tem uma durabilidade ambígua, sendo que uma das participantes referiu que este relacionamento poderia ocorrer dentro de um espaço de dias e depois terminar.

II: as curtes a...acho que é uma coisa mais no momento, conheces a pessoa, ‘tás com a pessoa naquele dia, se calhar ‘tás com a pessoa tipo dois ou três dias e depois...não estão mais.

III:Exato, por isso é que eu acho que nada é propriamente premeditado e planeado, nem “o objetivo é este” (...).

Neste tipo de relação não se revelou propriamente definição de regras, no entanto, as participantes destacaram uma preocupação em comunicar e perceber se ambos os envolvidos têm as mesmas intenções. Até porque, segundo as participantes, há um maior envolvimento emocional do que nos relacionamentos que duram apenas uma ou duas noites, e por isso, a comunicação poderá prevenir posteriores desilusões ou desequilíbrios no investimento que é feito pelos envolvidos na relação.

II: (...) Ok, tu pensas: “nunca mais vou ver esta pessoa, vou aproveitar todo o tempo que tenho com ela” mas a outra pessoa pensa “nunca mais vou ver outra pessoa mas estão milhares de outras pessoas aqui, portanto vou fazer o que eu quiser” (...) eu sinto que esse género de relações é: estás ali, estás a fazer a tua cena, estás a gostar daquilo que tens com aquela pessoa e sabes que vai acabar, mas inevitavelmente...eu acho que é uma coisa que, tendo em conta a continuidade, existe maior

ligação a essa pessoa do que com uma pessoa que conheces numa noite e estás com ela uma ou duas noites...acho que a questão da não comunicação acaba por...ser mais prejudicial do que se fosse uma coisa mais curta.

Nas entrevistas, as curtes foram associadas à fase da adolescência e às primeiras experiências amorosas, sendo mais caracterizadas pela troca de carícias e beijos, do que pela ocorrência de actividade sexual, nomeadamente, sexo penetrativo.

III: Não tem necessariamente de haver isso(sexo vaginal).

No que diz respeito ao término da relação, as participantes referiram que este término é normalmente falado entre envolvidos, mas essa conversa poderá ocorrer apenas por mensagem. Numa das entrevistas falou-se especificamente das curtes de verão, que não ocorriam na área de residência dos envolvidos, e, nestes casos, a relação acabava quando uma das pessoas se ia embora do local onde se encontraram a passar férias.

II: (...) em relação às curtes de verão...as pessoas vão se embora.

III: As pessoas já sabem que se vão embora, na verdade. Esse já tem tipo prazo marcado.

Capítulo IV – Discussão e Conclusão

O presente estudo procurou identificar e conhecer de forma mais aprofundada os relacionamentos sexuais casuais em que os adultos emergentes portugueses se envolvem, através da exploração das suas características e possíveis especificidades na conceptualização e vivência destes RSC pelo género feminino.

Os resultados mostram que um RSC se define como uma relacionamento sem compromisso, que ocorre ocasionalmente, com a finalidade de se ter relações sexuais e, de preferência, sem sentimentos envolvidos. Os relacionamentos sexuais casuais mais claros foram os Amigos Coloridos, Caso de uma Noite, Paixão Passageira, Enrolanço, Curte e Ir para a Cama, articulados em torno das dimensões repetição, envolvimento emocional e envolvimento sexual, respetivamente. Estes encontros foram, posteriormente, utilizados a título sugestivo nas entrevistas, no entanto, apenas os Amigos Coloridos, Caso de uma Noite e Curte continuaram a mostrar-se significativos para a amostra, tendo sido os únicos a ser mencionados espontaneamente pelas participantes, nas três entrevistas realizadas. O Caso de uma Noite foi o relacionamento que obteve um maior consenso face às suas características, devido ao seu carácter não repetitivo; o relacionamento de Amigos Coloridos foi o mais mencionado pelas participantes e mostrou ser o mais complexo, devido ao elevado grau de proximidade entre os envolvidos, em contraste com o Caso de uma Noite; e a Curte foi maioritariamente mencionada para designar as primeiras experiências amorosas, onde as relações sexuais são percebidas, maioritariamente, como inexistentes.

As dimensões utilizadas pelas participantes para descrever os relacionamentos sexuais casuais, também são as que se encontram na literatura, i.e., o compromisso, a repetição, o envolvimento sexual e o envolvimento emocional, presente neste tipo de relacionamentos. No entanto, à excepção do compromisso, que toma sempre a forma de

relacionamento não comprometido, as outras dimensões podem tomar várias formas, mediante o tipo de RSC, como é o caso do envolvimento emocional que se encontra presente nos FWB e ausente no ONS (Wentland & Reissing, 2011). Essa ambiguidade, ao nível das dimensões, foi também referida pelas participantes, visto que estes encontros poderão ocorrer uma ou mais vezes, com ou sem sentimentos envolvidos e com maior ou menor proximidade, sendo que a actividade sexual não está sempre subentendida, pois o envolvimento físico poderá cingir-se aos “preliminares”, nomeadamente a beijos e carícias.

Na literatura, a forma como estas e outras dimensões variam dá origem a diferentes tipos de RSC, sendo os mais encontrados os *Hookup*, *One Night Stand*, *BootyCalls*, *Fuck Buddies* e *Friends With Benefits* (Claxton & van Dulmen, 2013). Devido a factores linguísticos e culturais, nem todas estas terminologias são utilizadas noutras culturas, sendo por isso importante ter em conta esses fatores, no estudo do funcionamento dos RSC (Rodrigue et al., 2017). Face às semelhanças encontradas nas designações e na atribuição de significado no presente estudo, é possível fazer um paralelo entre Amigos Coloridos e *Friends With Benefits*, bem como *One Night Stand* e Caso de uma Noite. No entanto, não nenhuma é tão evidente uma terminologia na literatura que possa ser directamente relacionada com a Curte, sendo *Making Out* o termo que mais se assemelha, face às características descritas (Bogle, 2008).

O relacionamento Amigos Coloridos, à semelhança do que se encontra na literatura, é definido pelas participantes como um relacionamento que acontece entre conhecidos, que já tinham uma amizade estabelecida antes do início da relação (Claxton & van Dulmen, 2013; Wentland & Reissing, 2011). Para além disso, tal como no estudo de Wentland e Reissing (2014), a amostra considerou que há uma repetição dos encontros e que nem todos têm uma finalidade sexual, sobretudo se houver uma partilha

de contextos entre os envolvidos, i.e, se frequentarem os mesmos espaços e tiverem inseridos em círculos sociais comuns. Ao contrário do que a literatura afirma (Claxton & van Dulmen, 2013; Weaver, MacKeigan, & MacDonald, 2011; Wentland & Reissing, 2011 e 2014), as participantes consideram que nem sempre estes relacionamentos se caracterizam pela existência de actividade sexual, podendo o envolvimento físico limitar-se a beijos e carícias. Já ao nível emocional, são de opinião que este relacionamento se caracteriza pela elevada proximidade entre os envolvidos, que é maior do que em outros RSC, tal como referido na literatura (Wentland & Reissing, 2011). A iniciação destes relacionamentos poderá dever-se a fatores pessoais relacionados com essa proximidade, como a cumplicidade, partilha de experiências e outras questões afetivas e emocionais, mas também a fatores contextuais, embora não tão mencionados, como festas e consumo de álcool, que na literatura não se encontram muito associados a este tipo de relacionamento (Wentland & Reissing, 2014). No que diz respeito à conduta adoptada, a informação obtida nas entrevistas vai ao encontro do que se pode consultar na literatura, visto que as participantes também concordam que, neste relacionamento, há um maior cuidado em comunicar e estabelecer regras explícitas, sobre a natureza e os limites da relação, relativamente a temas como a monogamia, conhecimento público da relação, uso do preservativo e término da relação (Karlsen & Traeen, 2013; Wentland & Reissing, 2011). Este cuidado com o estabelecimento de regras, bem como a formalidade do seu término, parece ter como principal objetivo minimizar possíveis desentendimentos entre os envolvidos, que pretendem preservar a sua amizade.

O Caso de uma Noite foi o relacionamento que obteve maior consenso, relativamente às suas características. Como a própria terminologia indica, este relacionamento só acontece uma vez, sendo essa percepção unânime tanto neste estudo,

como na literatura existente (Claxton & van Dulmen, 2013; Wentland & Reissing, 2011). Para as participantes, este relacionamento não é planeado, não implica conhecimento prévio da pessoa e tende a ocorrer em ambientes de festa e de consumo de álcool, à semelhança do que é indicado no estudo de Wentland e Reissing (2014) e ao contrário do que acontece nos Amigos Coloridos. No entanto, para além dos factores contextuais indicados, também as redes sociais são vistas como facilitadoras para a iniciação deste tipo de relacionamento, nomeadamente, a aplicação de telemóvel *Tinder*, que promove a interação interpessoal e oferece a oportunidade de comunicar com potenciais parceiros, sem ser necessário haver uma proximidade física entre as duas pessoas (LeFebyre, 2018). Desta forma, esta aplicação veio mudar o paradigma de como o Caso de uma Noite, normalmente, se inicia, pois, segundo as participantes, os envolvidos conhecem-se previamente através desta rede social e planeiam o encontro. O facto de não ser algo tão imediato e de envolver um maior nível de comunicação, em comparação com os encontros que se iniciam nos bares e discotecas, os critérios na escolha do parceiro deixam de ser apenas baseados na atração física. Devido ao carácter não repetitivo do Caso de uma Noite e ao facto de poder acontecer sem conhecimento prévio da pessoa, o envolvimento que existe neste relacionamento é menor do que nos Amigos Coloridos, sendo visto como superficial e meramente físico pelas participantes, que eliminam a possibilidade de poderem existir sentimentos envolvidos, sendo a finalidade deste encontro meramente sexual, como referido na literatura (Jonason et al., 2011). Dado que os envolvidos não estabelecem uma proximidade emocional, a comunicação neste relacionamento também é vista como superficial e baseada em assuntos triviais. Neste sentido, devido à pouca proximidade e à não continuidade da relação, as participantes consideram que não há a mesma preocupação em estabelecer regras, como num relacionamento mais duradouro, nomeadamente, nos Amigos

Coloridos (Karlsen & Traeen, 2013). Para além disso, também o término não é formalmente discutido e, muitas das vezes, já está implícito desde o início do encontro.

Dos três RSC, a Curte foi o menos mencionado pelas participantes, no entanto, foi o único relacionamento associado a uma fase específica do desenvolvimento do indivíduo, o que fez emergir a temática da perspectiva desenvolvimentista, a qual emergiu na entrevista. A Curte foi utilizada nas três entrevistas, quando as participantes se referiram às primeiras experiências amorosas da adolescência, sendo este relacionamento mais caracterizado pela troca de carícias e beijos, do que propriamente pela existência de actividade sexual. Por estar relacionado com as primeiras experiências, é caracterizada como uma relação mais pura e ingénua, em que o envolvimento emocional tende a ser maior, do que numa relação que apenas dura uma noite (Caso de uma Noite). Por esse motivo, consideram que há uma preocupação em comunicar e perceber se ambos os envolvidos têm as mesmas intenções, no entanto, não consideraram haver definição de regras, como nos Amigos Coloridos, visto que a continuidade desta relação é menor e não implica obrigatoriamente uma amizade prévia. Em relação ao término, as participantes consideram que este é falado explicitamente, ao contrário do que acontece no Caso de uma Noite, no entanto, não é tão formal como nos Amigos Coloridos, podendo este relacionamento acabar, por exemplo, por mensagem. Como já foi referido, a Curte não se mostra equivalente a nenhum dos cinco tipos de RSC mais encontrados na literatura, sendo o *Making Out* o termo mais semelhante, que, de acordo com Bogle (2008), está inserido dentro do *Hooking Up*. A Curte não poderá ser comparada com o próprio *Hookup*, pois este relacionamento é muito abrangente e o envolvimento poderá ir desde beijos e carícias até ao acto sexual em si. No entanto, pode ser comparada com o *Making Out*, visto que, na literatura, este abrange apenas

uma parte do leque de interações que pode existir durante um *Hookup* (Bogle, 2008; Claxton & van Dulmen, 2013).

As características das relações mostraram ter uma forte influência na tomada de decisão face ao uso do preservativo. Verificou-se que o uso do preservativo é percepcionado como obrigatório nesta amostra do género feminino, em qualquer tipo de RSC, inclusive nos Amigos Coloridos, pois nenhum deles é longo ou comprometido o suficiente para se ter total confiança no parceiro ou o conhecimento de IST's que possa ter contraído. Tal como descrito na literatura, o risco percebido é maior em relações novas ou em relacionamentos sexuais casuais, do que em relações duradouras e de compromisso (Mullinax et al., 2016; Noar, Zimmerman & Atwood, 2004). O caso de uma noite foi apontado como um relacionamento que poderá ser desvantajoso e ter consequências negativas, sobretudo se não se tomarem as precauções devidas, como o uso de proteção no acto sexual. Segundo as participantes, isso poderá acontecer, dado que este relacionamento costuma ocorrer em contextos onde os indivíduos estão sob efeito de álcool e drogas (Wentland & Reissing, 2014), o que os torna mais impulsivos e menos conscientes na sua tomada de decisão. Num estudo português, com estudantes universitários, a impulsividade encontrou-se associada à não utilização do preservativo (Cunha-Oliveira et al., 2009), no entanto, foi considerada como um traço característico dos adultos emergentes, e não como algo que poderia ser situacional, mediante o contexto onde se encontravam inseridos e aquilo que consumiam. Para além disso, uma das participantes refere que, no Caso de uma Noite, como em qualquer outro RSC, a mulher tem sempre a oportunidade de se proteger preventivamente, através da utilização do preservativo feminino, algo que não é muito referido na literatura. Desta forma, a mulher estará protegida sob qualquer circunstância e imprevisto. Na Curte a utilização do preservativo não é discutida, visto que, para as participantes, este relacionamento

caracteriza-se mais pela troca de carícias e beijos, do que pela ocorrência de actividade sexual.

Para além de uma certa evolução dos RSC, houve outra questão pertinente que surgiu nas entrevistas, sem ter sido contemplada no guião de entrevista relacionada com o Duplo Padrão Sexual. Segundo as participantes, ainda é significativo na sociedade portuguesa e resulta em diferenças na aceitabilidade e na percepção destes RSC, quando vivenciados por homens e mulheres (Wiederman, 2005). Neste sentido, as participantes consideram que comportamentos como ir para a cama no primeiro encontro, quando praticados por mulheres, são considerados errados ou inaceitáveis por parte da sociedade (Hamilton & Armstrong, 2009), o que revela o estigma existente sob o género feminino e a expectativa de que as mulheres só se envolvam sexualmente em relações de compromisso, com alguma durabilidade (Armstrong, England & Fogarty, 2010; Crawford & Popp, 2003). No entanto, quando o mesmo comportamento é adoptado pelo género masculino, o homem é considerado “um rei”, sendo por isso congratulado. Esse estatuto positivo atribuído ao homem é descrito na literatura (Wiederman, 2005). Apesar de o Duplo Padrão Sexual ainda existir, as participantes consideram que o estigma face às mulheres está a desaparecer com a progressiva desconstrução da visão tradicional e conservadora da sociedade portuguesa, em relação ao papel do homem e da mulher, quando inseridos numa relação. No entanto, o julgamento ainda existente leva a que estes relacionamentos não sejam vivenciados pela mulher com total liberdade, devido ao receio de serem criticadas ou desvalorizadas (Hamilton & Armstrong, 2009; Wiederman, 2005).

Ainda que tenham sido identificados os encontros mais claros, bem como as dimensões que lhe estavam subjacentes, de acordo com a categorização efetuada por uma amostra de adultos emergentes portugueses, a caracterização de todos esses

encontros, na perspectiva do género feminino, não foi efectuada, sendo essa uma das limitações deste estudo. Apesar de um dos objetivos traçados ter passado pela identificação dos RSC mais claros, com referência a uma lista de encontros identificados num estudo prévio (Garcia, 2018), após esta identificação, nem todos esses encontros foram explorados e aprofundados nas entrevistas, tendo sido priorizados os RSC referidos espontaneamente pelas participantes. Esta componente menos directiva das entrevistas e a utilização meramente sugestiva dos encontros identificados no Estudo 1, resultou numa exploração incompleta dos mesmos. Outra limitação a referir é o facto de o estudo ter sido composto por uma amostra de conveniência e de dimensão reduzida, o que torna a generalização dos dados menos fiável, devendo esta ser feita de forma cautelosa. No que diz respeito à riqueza da informação obtida nas entrevistas, é importante referir que o tema da proteção e do uso do preservativo deveria ter sido alvo de maior exploração. Foi possível obter informação sobre a atitude das mulheres face ao uso preservativo, no entanto, para além de alguns fatores contextuais, pouco se obteve sobre as razões que poderão levar à não utilização de métodos contraceptivos, nomeadamente, do preservativo neste tipo de encontros.

Apesar das limitações, este estudo pode contribuir para uma intervenção mais adequada e eficaz, na área da psicologia da educação e na área da saúde e bem-estar, nomeadamente no âmbito da sexualidade, visto que foi recolhida informação pertinente sobre os tipos de RSC que existem na nossa cultura e a forma como estes são vividos e caracterizados pelos adultos emergentes. Um maior conhecimento destes relacionamentos e dos códigos de conduta que os caracterizam, oferece pistas fundamentais para a prevenção de comportamentos de risco e para uma intervenção mais adequada, pois as problemáticas poderão ser mais facilmente identificadas e compreendidas, quando contextualizadas.

Para além da compreensão destes relacionamentos, é também importante compreender a influência do género na construção da sexualidade e os padrões que lhe estão subjacentes, de forma a manter os discursos que ainda se mostram adequados e a desconstruir aqueles que, apesar de ainda dominantes, já não refletem de forma adequada a realidade sexual vivida. Neste sentido, o testemunho recolhido junto da amostra do género feminino poderá contribuir para a conceptualização de programas de educação sexual mais adequados e eficazes na desconstrução destes discursos, nomeadamente, na questão do Duplo Padrão Sexual.

Sendo este estudo um pequeno contributo para um fenómeno que se revela bastante amplo e complexo, mais investigações deverão ser feitas dentro do tema da sexualidade e dos relacionamentos vivenciados pelos adultos emergentes, em Portugal. Para uma compreensão mais aprofundada e completa do funcionamento destes relacionamentos, seria importante dar continuidade à caracterização dos vários tipos de RSC, em amostras de maior dimensão e mais diversificadas, nomeadamente ao nível da orientação sexual. Para uma melhor compreensão da influência do género na vivência destes encontros, seria importante que em investigações futuras se estudassem ambos os géneros em simultâneo, para que fosse possível a sua comparação. À semelhança do que acontece nos relacionamentos não comprometidos, também os relacionamentos comprometidos apresentam algumas variações, que resultam em diferentes tipos de relacionamento, nomeadamente, os Relacionamentos Abertos e as Relações Poliamorosas. Neste sentido, também seria pertinente explorar a vivência destes relacionamentos, pelos adultos emergentes portugueses.

Referências

- Aboim, S. (2012). Risco e prevenção do HIV/Aids: Uma perspectiva biográfica sobre os comportamentos sexuais em Portugal. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17, 99-112.
- Alexander, M. G., & Fisher, T. D. (2003). Truth and consequences: Using the bogus pipeline to examine sex differences in self-reported sexuality. *Journal of Sex Research*, 41, 27-35.
- Alvarez, M. J. (2005). *Representações cognitivas e comportamentos sexuais de risco: O guião e as teorias implícitas da personalidade nos comportamentos de protecção sexual*. Lisboa FCT/FCG.
- Armstrong, E. A., England, P., & Fogarty, A. C. K. (2009). Orgasm in college hookups and relationships. In B. Risman (Ed.), *Families as they really are* (pp. 362-377). New York, NY: Norton.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469–480. doi: 10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York, NY: Oxford University Press.
- Arnett, J. J., Žukauskienė, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18–29 years: implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 1(7), 569–576, [http://dx.doi.org/10.1016/s2215-0366\(14\)00080-7](http://dx.doi.org/10.1016/s2215-0366(14)00080-7).
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª Ed.). Lisboa: Edições 70.

- Bell, J. (2009). Why embarrassment inhibits the acquisition and use of condoms: A qualitative approach to understanding risky sexual behavior. *Journal of Adolescence*, *32*, 379-391.
- Bisson, M. A., & Levine, T. R. (2009). Negotiating a friends with benefits relationship. *Archives of Sexual Behavior*, *38*, 66-73. doi:10.1007/s10508-007-9211-2.
- Bogle, K. A. (2008). *Hooking up: Sex, dating, and relationships on campus*. NYU Press.
- Carroll, J. S., Willoughby, B., Badger, S., Nelson, L. J., Barry, C. M., & Madsen, S. D. (2007). So close, yet so far away: The impact of varying marital horizons on emerging adulthood. *Journal of Adolescent Research*, *22*, 219–247. doi:10.1177/0743558407299697
- Claxton, S. E., & van Dulmen, M. H. M. (2013). Casual sexual relationships and experiences in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*, *1*, 138–150. doi:10.1177/2167696813487181
- Cohen, P., Kasen, S., Chen, H., Hartmark, C., & Gordon, K. (2003). Variations in patterns of developmental transmissions in the emerging adulthood period. *Developmental Psychology*, *39*, 657-669. doi:10.1037/0012-1649.39.4.657
- Corbett, A. M., Dickson-Gómez, J., Hilario, H., & Weeks, M. R. (2009). A little thing called love: Condom use in high-risk primary heterosexual relationships. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, *41*, 218-224. doi:10.1363/4121809.
- Crawford, M., & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *Journal of Sex Research*, *40*, 13–26.

- Cunha-Oliveira, A., Cunha-Oliveira, J., Pita, J. R., & Massano-Cardoso, S. (2009). A aquisição do preservativo e o seu (não) uso pelos estudantes universitários. *Revista Referência, 2(11)*, 7–22.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. Lima & J. Pacheco (Orgs.), *Fazer Investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora.
- Fortenberry, J. D., Tu, W., Harezlak, J., Katz, B. P., & Orr, D. P. (2002). Condom use as a function of time in new and established adolescent sexual relationships. *American Journal of Public Health, 92*, 211-213. doi: 10.2105/AJPH.92.2.211
- Frith, H., & Kitzinger, C. (2001). Reformulating sexual script theory. Developing a discursive psychology of sexual negotiation. *Theory and Psychology, 11*, 209-232.
- Gagnon, J. H., & Simon, W. (2005). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality* (2nd ed.). New York, NY: Aldine Transaction.
- Garcia, J. R., & Reiber, C. (2008). Hook-up behavior: A biopsychosocial perspective. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology, 2(4)*, 192–208. doi: 10.1037/h0099345
- Garcia, M. (2018). *Exploração da Diversidade de Relacionamentos Sexuais Casuais e suas Características*. (Tese de mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

- Hamilton, L., & Armstrong, E. A. (2009). Gendered sexuality in young adulthood: Double binds and flawed options. *Gender and Society, 23*, 589–616. doi: 10.1177/0891243209345829
- Jonason, P. K., Li, N. P., & Cason, M. J. (2009). The “booty call”: A compromise between men’s and women’s ideal mating strategies. *Journal of Sex Research, 46*, 460-470. doi: 10.1080/ 00224490902775827
- Jonason, P. K., Li, N. P., & Richardson, J. (2011). Positioning the booty-call relationship on the spectrum of relationships: Sexual but more emotional than one-night stands. *Journal of Sex Research, 48*, 486-495. doi:10.1080/00224499.2010.497984
- Jonason, P. K., Luevano, V. X., & Adams, H. M. (2012). How the dark triad traits predict relationship choices. *Personality and Individual Differences, 53*, 180-184. doi: 10.1016/j.paid.2012.03.007
- Lai, Y., & Hynie, M. (2010). A tale of two standards: An examination of young adults’ endorsement of gendered and ageist sexual double standards. *Sex Roles, 64*, 360–371. doi:10.1007/s11199-010-9896-x.
- LeFebvre, L. E. (2017). Swiping me off my feet: Explicating relationship initiation on Tinder. *Journal of Social and Personal Relationships, 35*(9), 1205–1229.
- Karlsen, M., & Traeen, B. (2013). Identifying "friends with benefits" scripts among young adults in the Norwegian cultural context. *Sexuality & Culture, 17*, 83-9.
- Krueger, R., & Casey, M. (2000). *Focusgroups: A practical guide for applied research* (3rd Ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.

- Manlove, J., Welti, K., Barry, M., Peterson, K., Schelar, E., & Wildsmith, E. (2011). Relationship characteristics and contraceptive use among young adults. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 43, 119–128. doi: 10.1363/4311911
- Mullinax, M., Sanders, S., Dennis, B., Higgins, J., Fortenberry, J. D., & Reece, M. (2016). How condom discontinuation occurs: Interviews with emerging adult women. *Journal of Sex Research*, 54, 642–650. doi: 10.1080/00224499.2016.1143440
- Noar, S. M., Zimmerman, R. S., & Atwood, K. A. (2004). Safer sex and sexually transmitted infections from a relationship perspective. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of sexuality in close relationships* (pp. 519–544). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Oliveira, A., & Amaral, V. (2007). A análise factorial de correspondências na investigação em psicologia: Uma aplicação ao estudo das representações sociais do suicídio adolescente. *Análise Psicológica*, 25(2), 271-293.
- Pirotta, K., & Schor, N. (2004). Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Revista de Saúde Pública*. 38(4), 495-502.
- Programa Nacional para a Infecção VIH e Sida. (2018). *Infecção VIH e Sida: Desafios e Estratégias 2018*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.
- Rodrigue, C., Blais, M., Lavoie, F., Adam, B. D., Goyer, M., & Magontier, C. (2017). Passion, intimacy, and commitment in casual sexual relationships in a canadian sample of emerging adults. *Journal of Sex Research*, 55(9), 1192-1205.

- Rosch, E., & Mervis, C.B. (1975). Family resemblances: Studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, 7, 573-605.
- Rosch, E., Mervis, C.B., Gray, W.D., Johnson, D.M., & Boyes-Braem, P. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, 8, 382-439.
- Settersten, R., & Ray, B. (2010) *Not quite adults: Why 20-somethings are choosing a slower path to adulthood and why it's good for everyone*. New York, NY: Bantam Books.
- Shulman, S., & Connolly, J. (2013). The challenge of romantic relationships in emerging adulthood: Reconceptualization of the field. *Emerging Adulthood*, 1, 27-39. doi: 10.1177/2167696812467330
- Weaver, S. J., & Edward, S. H. (2000). Casual sex and women. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 23-41. doi: 10.1300/J056v12n03_02
- Weaver, A. D., MacKeigan, K. L., & MacDonald, H. A. (2011). Experiences and perceptions of young adults in friends with benefits relationships: A qualitative study. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 20 (1-2), 41–53.
- Wentland, J. J., & Reissing, E. D. (2011). Taking casual sex not too casually: Exploring definitions of casual sexual relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 20(12), 75–91.
- Wentland, J. J., & Reissing, E. (2014). Casual sexual relationships: Identifying definitions for one night stands, booty calls, fuck buddies, and friends with benefits. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 23, 167–177. doi: 10.3138/cjhs.2744

Wiederman, M. W. (2005). The gendered nature of sexual scripts. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 13, 496–502.

Anexos

Anexo 1 – Conjunto de cartões utilizados durante a tarefa de categorização (Estudo 1)

Amigos Coloridos

Beijos

Booty Calls

Caso de uma Noite

Cena

Comilanço

Curte

Dar uma Volta

Engate

Enrolaço

Fuck Buddy

Ir para a Cama

Paixão Passageira

Relação Casual

Relacionamentos Sexuais Casuais

Raquel Brandão e Mariana Silva

Coordenação Prof^ª Doutora Maria João Alvarez

Dados Sociodemográficos:

Idade: _____

Género:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Estado Civil:

- Solteir@
- Casad@
- União de Facto
- Separad@
- Divorciad@
- Viúv@

Etnia:

- Caucasiana
- Africana
- Asiática
- Outra

Religião - Professa algum tipo de religião?

- Sim
- Não

Caso professe algum tipo de religião, indique qual:

- Católica
- Protestante
- Ortodoxa
- Judaica
- Islâmica/Muçulmana
- Religiões Orientais
- Outra: _____
- Recusa

Habilitações Literárias:

- Até ao 1º Ciclo/ 4º ano (antigo ensino primário)
- 2º Ciclo/ 6º ano (antigo ciclo preparatório)
- 3º ciclo/ 9º ano (antigo curso geral)
- Secundário/ 12º ano (antigo curso complementar)
- Até 3 anos de Frequência de Ensino Superior ou Politécnico

- Curso Superior (4 ou mais anos curriculares)
- Mestrado (incluindo mestrado integrado)
- Doutoramento

Anexo 3 – Guião de entrevista de grupos focais

Bloco	Objetivos	Tópicos/questões (exemplos)
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista (assegurar aspectos éticos e deontológicos); -Explicar os objectivos do estudo; - Motivar os entrevistados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar a que se destina a entrevista e evidenciar a importância de todos os entrevistados colaborarem; -Obter o consentimento informado para a participação e gravação da entrevista;
	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão do conhecimento dos participantes acerca dos RSC; - Compreensão de como se iniciam estes RSC; - Compreensão dos factores facilitadores ao envolvimento num RSC; - Compreensão se este envolvimento ocorre apenas com desconhecidos, ou também com amigos...; - Motivação dos envolvidos em RSC (satisfação de necessidades físicas; abertura para experienciar coisas novas; ausência de obrigações; envolvimento sexual, etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> - Como é que caracterizariam/descreveriam um relacionamento sexual casual? - Quando se fala em relacionamentos casuais/RSC, pensam em algum tipo de relação/encontro em específico? Se sim, quais? - Tendo em conta os encontros referidos, como é que acham que eles se iniciam? - Consideram que existem factores que contribuem para a iniciação desse tipo de relações? - Existe algum local onde isso seja mais propício? Algum ambiente? - Qual é o critério para escolher a pessoa? É quem demonstrar interesse? Alguém que já conheçam?... - O que consideram que motiva os jovens a

Iniciação		envolverem-se nesse tipo de relações? Consideram que é uma decisão ponderada?
Conduta	<p>Para os diferentes encontros, compreender que regras se estabelecem:</p> <ul style="list-style-type: none"> -regras explícitas (discutidas pelo casal) -regras implícitas (não discutidas pelo casal mas que esperam ser cumpridas) - Scripts <p>(conhecimento público da relação, exclusividade, uso do preservativo, etc.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Existem regras neste tipo de envolvimento? Se sim, quais? - Acham que essas regras são explicitamente discutidas pelo casal? - Na vossa opinião, que aspectos deverão ser explicitamente discutidos e que factores poderão apenas estar subentendidos? -Existe algum código de conduta? Isto é igual para ambas as partes? - O que acham que é culturalmente expectável neste tipo de relações? É bem aceite? Isso poderá influenciar as regras estabelecidas? - Este assunto é discutido entre o 'casal'? Em que ponto? No início da relação?
	<p>Para os diferentes encontros, compreensão das diferenças na:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comunicação dentro da relação: acordo na divulgação; assuntos abordados; planeamento dos encontros - Comunicação fora da relação: nível de secretismo; designação ou terminologia da relação 	<ul style="list-style-type: none"> -Dado o seu carácter casual, como é que a relação se desenrola? Há conhecimento da mesma por várias pessoas? Ou fica só entre os envolvidos? - Do que é que se fala? - Os assuntos abordados em conversa variam consoante o tipo de encontro/relacionamento? Em que sentido? -Como se dão os encontros? - São planeados? – Poderão

<p>Comunicação</p>		<p>ocorrer espontaneamente? O que determina isso?</p> <p>-Saídas juntos para eventos sociais, acontecem?</p> <p>- As regras que se estabelecem podem ser limitativas ao nível da comunicação?</p>
<p>Interação</p>	<p>Para os diferentes encontros, perceber como variam ou se assemelham a nível de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Frequência/Repetição - Actividade sexual ou não sexual - Envolvimento emocional - Vantagens e desvantagens <ul style="list-style-type: none"> - Arrependimento 	<p>-Duas pessoas envolvem-se num RSC... e depois? Voltam a repetir?</p> <p>-Fala-se de envolvimento, mas este termo é muito ambíguo... Como caracterizam o envolvimento físico e emocional em “x” encontro? Até onde é “suposto” ir esse envolvimento? No entanto, até onde poderá ir?</p> <p>- Que sentimentos poderão surgir?</p> <p>- De maneira geral, acham que os envolvidos desfrutam da experiência?</p> <p>- Qual o tipo de actividade sexual envolvida em “x” encontro?</p> <p>- Quais as vantagens e desvantagens dos RSC?</p> <p>- Que problemáticas entre casal poderão sugerir mediante este tipo de relacionamento?</p>
<p>Duração</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a duração da relação, mediante o tipo de encontro 	<p>-Existe algum prazo considerado, como sendo quase... o tempo limite de duração de um relacionamento casual?</p> <p>- O que é que determina esse</p>

		<p>prazo?</p> <p>-Normalmente, quanto tempo costumam durar estas relações?</p>
Continuidade/ Término	<ul style="list-style-type: none"> - Influência do nível de interesse e envolvimento emocional para a continuidade ou término da relação - Como se dá o término da relação (término formal vs informal) - Contacto após término 	<ul style="list-style-type: none"> - Consideram que é possível haver uma progressão entre diferentes tipos de RSC ou de um RSC para um relacionamento mais sério? - Que aspectos mudam na relação mediante essa progressão? - O que pode levar ao término de um RSC? Existe algum critério que defina quando a relação tem de acabar? - Como se terminam estes RSC? É feito formalmente... Informalmente? - E depois? Pode-se manter uma amizade (por ex)? - Continua a haver contacto?
Finalização da entrevista	<p>Antes de finalizar...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer sumário das principais ideias e procurar consentimento do mesmo junto dos participantes (se capta/descreve o que foi dito) - Agradecer pela participação - Preenchimento do questionário de dados socio demográficos 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficou alguma coisa por dizer/explorar? - Há alguma questão/tópico importante sobre o qual devíamos ter falado? - Aspectos como “x” não foram mencionados no curso do debate de ideias por isso podemos assumir que não são relevantes para este grupo?

Relacionamentos Sexuais Casuais

Raquel Brandão e Mariana Silva

Coordenação Prof^a Doutora Maria João Alvarez

Dados Sociodemográficos:

Idade: _____

Estado Civil:

- Solteir@
- Casad@
- União de Facto
- Separad@
- Divorciad@
- Viúv@

Etnia:

- Caucasiana
- Africana
- Asiática
- Hispânica

Outra

Religião - Professa algum tipo de religião?

Sim

Não

Caso professe algum tipo de religião, indique qual:

Católica

Protestante

Ortodoxa

Judaica

Islâmica/Muçulmana

Religiões Orientais

Outra: _____

Recusa

Habilitações Literárias:

Até ao 1º Ciclo/ 4º ano (antigo ensino primário)

2º Ciclo/ 6º ano (antigo ciclo preparatório)

3º ciclo/ 9º ano (antigo curso geral)

Secundário/ 12º ano (antigo curso complementar)

Até 3 anos de Frequência de Ensino Superior ou Politécnico

Curso Superior (4 ou mais anos curriculares)

Mestrado (incluindo mestrado integrado)

Doutoramento

Já teve relações sexuais?

(Qualquer tipo de relação, seja oral, vaginal e/ou anal)

Sim

Não

Tem experiência em Relacionamentos Sexuais Casuais?

Sim

Não

Relacionamentos Sexuais Casuais

Raquel Brandão e Mariana Silva

Coordenação Prof^a Doutora Maria João Alvarez

Estamos interessadas em conhecer aprofundadamente os relacionamentos sexuais casuais em que os indivíduos se envolvem e as suas características.

Desta forma, vimos solicitar-lhe que utilize os 14 cartões que lhe vamos entregar, tendo cada um inscrito um encontro sexual casual e agrupe estes encontros (cartões) em categorias com critérios à sua escolha, mesmo que não seja totalmente claro para si o que é que cada encontro envolve. Iremos pedir-lhe a realização de três tarefas sequenciais.

Nesta primeira tarefa pedimos-lhe que agrupe os encontros (cartões) no menor número de categorias que lhe for possível de acordo com o(s) critério(s) que achar mais adequado(s), organizando os encontros de acordo com a existência de algumas características comuns.

Nesta segunda tarefa pedimos-lhe que subdivida cada uma das categorias anteriores num maior número de categorias, recorrendo ao(s) critério(s) que achar mais adequado(s), agrupando os encontros de acordo com semelhanças que têm entre si. Ao realizar esta segunda tarefa, se sentir necessidade de reformular as categorias que fez na primeira tarefa pode fazê-lo.*

Nesta terceira e última tarefa pedimos-lhe que, subdivida cada categoria da tarefa anterior no maior número de categorias em que, na sua opinião, se podem dividir os encontros, de acordo com o(s) critério(s) que achar mais adequado(s), tendo no entanto como objectivo realizar alguma categorização. Ao realizar esta terceira tarefa, se sentir necessidade de reformular as categorias que fez na primeira e na segunda tarefa, pode fazê-lo.*

*Numa página em separado

Relacionamentos Sexuais Casuais

Raquel Brandão e Mariana Silva

Coordenação Prof^ª Doutora Maria João Alvarez

Consentimento Informado

Por favor, leia este texto antes de aceitar participar neste estudo. Trata-se de uma investigação da responsabilidade da Prof^ª Doutora Maria João Alvarez da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e aprovada pela sua Comissão de Deontologia.

Apresentação do estudo

É objectivo deste estudo conhecer e aprofundar os conhecimentos relativos aos relacionamentos afectivo-sexuais em que os indivíduos se envolvem hoje em dia.

IMPORTANTE: Para participar no estudo tem de ter pelo menos 18 anos de idade e falar a língua portuguesa como língua nativa.

Participação

Se aceitar participar ser-lhe-á pedido que realize uma tarefa em três fases sequenciais onde lhe é proposto que agrupe 14 cartões que lhe serão facultados. Cada um destes tem inscrito um tipo de Relacionamento Sexual Casual, deverá agrupá-los de acordo com o critério que achar ser mais adequado, mesmo que não seja totalmente claro para si o que cada encontro envolve.

A sua participação demorará aproximadamente 15 minutos.

Uma vez iniciada a tarefa pedimos que a realize até ao fim de forma a ser possível recolher todos os dados necessários.

Contudo, este é um estudo voluntário, se decidir não participar pode parar a qualquer momento.

Porque participar?

Ao participar estará a contribuir para aumentar a compreensão sobre os diversos relacionamentos e suas características em Portugal. Também poderá tornar-se mais consciente de assuntos relevantes para si em matéria de saúde sexual e relacional. A sua participação é muito valiosa para a nossa pesquisa e essencial para o avanço do conhecimento nesta área.

Anonimato e Confidencialidade

Qualquer informação que disponibilize será tratada de forma totalmente anónima e confidencial. As suas respostas serão utilizadas apenas no âmbito deste estudo e só os investigadores terão acesso aos dados. Não há resposta "certas" ou "erradas", por isso, responda o mais honestamente possível.

Contacto para questões que pretenda colocar

Qualquer questão deve ser dirigida à investigadora responsável através do e-mail relacionamentos-sexuais@psicologia.ulisboa.pt.

Necessidade de apoio na sequência da participação no estudo

No final do questionário são disponibilizados sites e um contacto para esclarecimento de dúvidas que possam ter surgido na sequência de ter participado numa tarefa que envolve conteúdos sexuais.

Informação pós-estudo

Os resultados serão disponibilizados na página online do HumanSexLab da FPUL, URL <http://humansexlab.psicologia.ulisboa.pt/>, após tratamento dos mesmos.

Consentimento

Ao assinalar uma cruz no final desta folha declara que é maior de idade, leu este formulário de consentimento e considera que lhe foi prestada a informação necessária acerca da natureza e objectivos do estudo. Li a informação e vi esclarecidas as minhas dúvidas de forma satisfatória. Dou o meu consentimento para participar neste estudo. Vou rubricar esta folha no espaço abaixo de forma a não ser identificad@ com o objectivo de demonstrar que li a informação apresentada.

Li o consentimento informado e pretendo participar no estudo.

Relacionamentos Sexuais Casuais

Raquel Brandão e Mariana Silva

coordenação Prof^a Doutora Maria João Alvarez

Dimensões

A tarefa que a seguir se apresenta é constituída por três páginas, sendo que cada página terá três conjuntos de encontros sexuais (conjunto 1, 2 e 3), constituídos cada um por dois pólos diferentes (Pólo A e Pólo B).

A sua participação passará por atribuir a cada conjunto uma dimensão que descreva da melhor forma o que varia de um pólo a outro, escrevendo também o nome que dá a cada um dos pólos ou extremos da dimensão. Desta forma, deverá pensar em três dimensões (uma para cada conjunto) e seis pólos (dois para cada conjunto).

Escreva, por favor, o nome de cada dimensão na linha que a indica e o mesmo deverá fazer para os pólos, ou seja, os extremos de cada dimensão.

Em cada página, as dimensões encontradas para o conjunto 1, 2 e 3 têm de ser diferentes, no entanto essas dimensões podem ser repetidas nas restantes páginas.

No caso de um dos pólos da dimensão ser muito mais claro que o outro, deverá tomar em consideração esse pólo mais claro para clarificar os extremos da dimensão.

É possível que um ou outro encontro sexual, dentro de cada pólo, não se articule facilmente com a dimensão que parece mais adequada para descrever o conjunto. Mediante essa hipótese, poderá escolher a dimensão baseando-se na maioria dos encontros, não dando tanta importância ao encontro que pareça destoar dos restantes encontros do conjunto.

Obrigada pela sua colaboração!

Dimensão: _____

FuckBuddy

Engate

Ir Para a Cama

BootyCall

Dar uma Volta

Relação Casual

Cena

Amigos Coloridos

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Curte

Enrolanço

Paixão Passageira

Beijos

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Paixão Passageira

Amigos coloridos

Caso de uma noite

Dar uma Volta

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Cena

Engate

Fuck Buddy

Amigos Coloridos

Ir para a Cama

Booty Call

Caso de uma Noite

Relação Casual

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Paixão Passageira

Enrolanço

Curte

Beijos

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Curte

Dar uma Volta

Comilanço

Ir para a Cama

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Ir para a Cama	Amigos Coloridos
Cena	Engate
Caso de uma Noite	Booty Call
Dar uma Volta	Relação Casual

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Booty Call	Beijos
Relação Casual	Enrolanço
Curte	

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Dimensão: _____

Dar uma Volta	Fuck Buddy
Comilanço	Paixão Passageira

Pólo 1: _____

Pólo 2: _____

Relacionamentos Sexuais Casuais

Raquel Brandão e Mariana Silva

Coordenação Prof^ª Doutora Maria João Alvarez

Consentimento Informado

Por favor, leia este texto antes de aceitar participar neste estudo. Trata-se de uma investigação da responsabilidade da Prof^ª Doutora Maria João Alvarez da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e aprovada pela sua Comissão de Deontologia.

Apresentação do estudo

É objectivo deste estudo conhecer e aprofundar os conhecimentos relativos aos relacionamentos afectivo-sexuais em que os indivíduos se envolvem hoje em dia.

IMPORTANTE: Para participar no estudo tem de ter pelo menos 18 anos de idade e falar a língua portuguesa como língua nativa, e já ter tido relações sexuais.

Participação

Se aceitar participar será lhe pedido que participe numa entrevista em grupo, onde será explorado o tema dos Relacionamentos Sexuais Casuais.

Uma vez iniciada a entrevista pedimos que participe até ao fim de forma a ser possível recolher o maior número de dados.

Contudo, este é um estudo voluntário, se decidir não participar pode parar a qualquer momento.

Porque participar?

Ao participar estará a contribuir para aumentar a compreensão sobre os diversos relacionamentos e suas características em Portugal. Também poderá tornar-se mais consciente de assuntos relevantes para si em matéria de saúde sexual e relacional. A sua participação é muito valiosa para a nossa pesquisa e essencial para o avanço do conhecimento nesta área.

Anonimato e Confidencialidade

Qualquer informação que disponibilize será tratada de forma totalmente anónima e confidencial. As suas respostas serão utilizadas apenas no âmbito deste estudo e só os investigadores terão acesso aos dados, os quais serão destruídos no final da investigação. Não há resposta "certas" ou "erradas", por isso, responda o mais honestamente possível.

A entrevista será gravada para posterior análise e tratamento da informação e sem propósito de divulgação, sendo que para garantir o anonimato, os nomes dos participantes irão ser alterados.

Contacto para questões que pretenda colocar

Qualquer questão deve ser dirigida à investigadora responsável através do e-mail relacionamentos-sexuais@psicologia.ulisboa.pt.

Informação pós-estudo

Os resultados serão disponibilizados na página online do Human Sex Lab da FPUL, URL <http://humansexlab.psicologia.ulisboa.pt/>, após tratamento dos mesmos.

Consentimento

Ao assinalar uma cruz no final desta folha, declara que é maior de idade, leu este formulário de consentimento e considera que lhe foi prestada a informação necessária acerca da natureza e objectivos do estudo.

Li a informação e vi esclarecidas as minhas dúvidas de forma satisfatória. Dou o meu consentimento para participar neste estudo. Vou assinalar esta folha no espaço abaixo de forma a não ser identificad@ com o objectivo de demonstrar que li a informação apresentada.

- Li o consentimento informado e pretendo participar no estudo.